



COIMBRA E ANTONIO NOBRE

Homenagem ao Poeta

ANTONIO
VICTORINO

1940

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.
LISBOA — COIMBRA — FARO

Sala A
Est. 8
Tab. 2
N.º 2

018
727

Museu Nacional da Ciência
e da Técnica

N.º 132

COIMBRA
E
ANTÓNIO NOBRE

COIMBRA

ANTONIO NOBRE

INV. - Nº 1437



000716

COIMBRA

E

ANTÓNIO NOBRE

HOMENAGEM AO POETA



716



COMISSÃO DE CARVALHO

RC

MCT

92

COI

COIMBRA

EDIÇÃO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL

1940

1913



COLMERA

ANTONIO NOBRE

5

HOMENAGEM AO POETA

1913



1913

1913

1913

*Que lindas coisas a lendária Coimbra encerra!
Que paisagem lunar que é a mais doce da terra!
Que extraordinárias e medievas raparigas!
E o rio? e as fontes? e as fogueiras? e as cantigas?*

ANTÓNIO NOBRE.

Na acta da reunião da Câmara Municipal de Coimbra, de 2 de Novembro de 1939, ficou registada, com a nota de unânime aprovação, a proposta a seguir transcrita.

«Pelo Vereador Senhor Doutor Castro Pita foi apresentada, e aprovada por aclamação, a seguinte proposta: — «Tôda a imprensa, de norte a sul do País, se ocupou da inauguração do busto de António Nobre, no Penedo da Saúde, com um relêvo que não é vulgar em acontecimentos análogos. — Nesse facto deve ver-se não só a prova de que é cada vez mais viva a admiração pelo poeta estranhamente comunicativo do *Só* e do *Despedidas*, mas ainda a demonstração da simpatia e do carinho que os maiores valores das letras e do jornalismo consagram a Coimbra, à sua paisagem maravilhosa — das mais musicais, das mais doces, claras e sensíveis paisagens do Mundo, como se exprimiu Augusto de Castro — e, sobretudo, ao espírito coimbrão, de que António Nobre foi, no lirismo do século XIX, um dos mais expressivos e originais representantes. — É assim que, a-par das homenagens ao Poeta e à sua obra, Coimbra, a Cidade cuja paisagem êle tão amorosamente cantou, a Cidade cuja alma e espírito êle tão intimamente encarnou, foi exaltada em palavras de alevantada beleza. — Seria injustiça esquecer essas provas de carinho por Coimbra e parece imperdoável deixar perder na vida efémera dos jornais tantas páginas notáveis. — Por isso, proponho: — *Primeiro* — Que a Câmara consigne na acta da sua reunião de hoje um voto

de profundo agradecimento à imprensa — sem prejuízo de outros agradecimentos que sejam igualmente devidos — pelo relêvo que deu à homenagem a António Nobre; — *Segundo* — Que a Câmara tome a iniciativa de editar uma *plquette* em que sejam reunidos os principais artigos publicados na imprensa a propósito dessa homenagem e os discursos proferidos e as poesias lidas na cerimónia do Penedo da Saúde; — *Terceiro* — Que a Câmara solicite do Director da Biblioteca Municipal o valioso serviço de dirigir essa publicação.»

Tratando-se de prolongar pela escrita a vibração da cerimónia inaugural do monumento do Penedo da Saúde, e do que a-propósito dêsse facto comemorativo e merecedor de duradouro resguardo se publicara na imprensa periódica de todo o país, pareceu-me a lembrança digna de aplauso e gostosamente lhe dou a minha desluzida mas sincera colaboração. Mas igualmente me pareceu que a realização de uma tal tarefa, correspondendo a uma intenção elevada e piedosa, ficaria àquém do seu alto significado se satsse desacompanhada do relato, mesmo sumário, das anteriores manifestações de que esta última, se não foi um complemento — por ser muito mais que isso — pode tomar-se como uma feliz continuação.

Com efeito, não foi esta a primeira vez, como é sabido, que Coimbra sacrificou a António Nobre, porque já antes,

em 1915 e 1928, aqui se entoaram hinos de louvor em honra do terníssimo e sensível cantor do Mondego, da paisagem coimbrã, e de tudo quanto nesta terra de maravilha enleva a alma e arrebatava os sentidos.

* * *

Promovidas pela revista A Galera, que, como tantas outras, teve vida intensa mas efémera, realizaram-se com a cooperação de uma comissão auxiliar da Câmara Municipal, Universidade, escolas oficiais, colégios, imprensa, etc., fervorosas manifestações à memória do Poeta do Só, em fins de Fevereiro de 1915, na passagem do 15.º aniversário do seu falecimento.

No dia 24, logo de manhã cedo, a cidade despertou ao estrondear dos morteiros da festiva alvorada. Pouco depois tinha lugar a recepção da família do Poeta e de outros fiéis vindos de longe, e celebrava missa na antiga catedral o então aluno da Universidade P.º Manuel Gonçalves Cerejeira (hoje Sua Eminência o Cardinal Patriarca de Lisboa). E à noite realizou-se um sarau no Teatro Sousa Bastos, com a assistência de um delegado especial do Presidente da República, e com larga representação do elemento oficial.

No dia seguinte formou-se um cortejo que do Pátio da Universidade seguiu para a Praça 8 de Maio, passando por Sub-Ripas, onde se descerrou na Torre de Anto, na antiga moradia do Poeta, uma lápide em que o cinzel de João Machado insculpira a seguinte quadra:

O POETA AQUI VIVEU, NO OIRO DO SEU SONHO
 POR ISSO À TORRE ESGUIA O NOME VEIO D'ANTO
 LEGENDA D'ALMA SÓ E CORAÇÃO TRISTONHO,
 QUE POETAS UNGIU NA GRAÇA DO SEU PRANTO!...⁽¹⁾

Dissolvido o cortejo, vistoso de carros alegóricos e túrgido de representações oficiais e de afluência de povo, seguiu-se uma sessão solene na sala nobre dos Paços do Concelho.

No mesmo dia se distribuíram os n.^{os} 5 e 6 de A Galera, inteiramente consagrados ao Poeta, inserindo

(1) O ilustre poeta Sr. Dr. Alberto de Oliveira, que há muito tem a Torre de Anto por arrendamento, fez afixar outra lápide com os seguintes dizeres:

ESTA TORRE DE ANTO FOI ASSIM
 CHAMADA POR ANTONIO NOBRE, O
 GRANDE POETA DO «SÓ» QUE NELLA
 MOROV E A CANTOV NOS SEVS VERSOS

colaboração de Alves dos Santos, Afonso Lopes Vieira, Antero de Figueiredo, Alfredo da Cunha, Ferreira Monteiro, Henrique de Campos Ferreira Lima, Alves Martins, Fernando Pessoa e de outros. E nos jornais noticiosos de Coimbra, encheram-se páginas, reproduzindo as melhores composições do homenageado.

* * *

Em 1928 foi ainda a redacção de outro periódico — A Voz de Coimbra — que teve a iniciativa de segunda homenagem pública ao autor do Só, lançando a ideia e procurando associar a ela, entrevistando-os, os poetas contemporâneos de António Nobre, Drs. Manuel da Silva Gaio, Eugénio Sanches da Gama e Eugénio de Castro.

Da entrevista com o poeta dos Oaristos vale a pena recortar alguns fragmentos, não sòmente de valor informativo, mas contendo notas de interpretação credoras de registo.

.....

«— Demo-nos muito, aqui em Coimbra, fazendo longos «passeios pelos arredores.

«— António Nobre como estudante...?

«— Nada fêz. E foi estudar direito para Paris, onde

«também nada fez. No regresso de Paris, e durante as
«férias do tempo lectivo na Sorbonne, vinha muito a Coim-
«bra, onde o prendiam assuntos sentimentais.

.
«— Como companheiro?

«— Era o melhor dos companheiros!... Um feitio
«infantil, um pouco megalómano, mas dôce de trato, sem
«maguar ninguém...

.
«Conheci-o no Pôrto, janota, vestido de claro. Mas
«desde que vestiu a capa e batina não deixou de vestir de
«preto... Até no alfinete de gravata, um cravo de ferrador,
«oxidado e negro.

«— Consta que era um tipo exótico...

«— Era interessante pela vigilância com que mantinha
«exterioridades, estudando porventura previamente atitudes
«e gestos...

«— Snobismo?

«— Não era snobismo: simplesmente o desejo de har-
«monizar a sua vida exterior com a interior, com as suas
«aspirações de beleza artística.»

*Da entrevista com o poeta da Chave Dourada des-
taco a luminosa síntese de uma resposta:*

«— Num só livro ficou: o *Só*, que representa a confis-
são total do que tinha a revelar, pois, ferindo vivamente

algumas notas emocionais, não se renovaria, e resumia no seu próprio eu, e no que dele tirasse, tudo quanto lhe podia interessar. O mundo para êle, era êle.»

No mesmo periódico inseriram-se ainda várias poesias do homenageado, e um laudatório artigo de Jaime de Magalhães Lima.

No dia 17 de Março teve lugar uma sessão solene na Associação Académica, presidida pelo Reitor da Universidade, lendo o estudante João Gaspar Simões (hoje brilhante escritor e considerado crítico literário) um interessante estudo sobre António Nobre e a sua arte, e desfiando recordações o poeta Sanches da Gama.

No dia seguinte, domingo, formou-se um cortejo no Pátio da Universidade e seguiu na direcção de Sub-Ripas, onde Raposo de Oliveira havia de recitar o seu poema O Poeta do «Só» (1).

(1) A Câmara Municipal absteve-se por completo de tomar qualquer parte nesta segunda homenagem, em razão de mal estar e incompatibilidades ligadas a injustas campanhas jornalísticas que criaram ao periódico que tivera a iniciativa da homenagem uma atmosfera que havia de deixar as festas que promoveu sem o luzimento das de 1915, e que por pouco não redundaram em fracasso.

* * *

Mas falar de Sanches da Gama e dos poetas amigos ou contemporâneos de António Nobre, é recordar épicas lutas de escolas em conflito, com estridorosas tempestades em minúsculos copos de água, traduzindo-se em querelas verbais nas ruas e nos cafés, e em tiroteio seguido de artigos de revistas.

Em Fevereiro de 1889 aparece a Bohemia Nova, do grupo que se dizia chefiado por António Nobre. Nos seis números que se publicaram dessa revista (1 de Fevereiro a 12 de Abril) colaboraram além do Poeta do Só, Alberto de Oliveira, Alberto Osório de Castro, Agostinho de Campos, Eugénio Sanches da Gama, Francisco Bastos, João Saraiva, Carneiro de Moura, Pinto da Rocha, e outros.

Mas, publicado apenas o primeiro número, já outra revista surge com o título Insubmissos, promovida por Eugénio de Castro e Francisco Bastos que, ao que se dizia, se melindrara por à sua colaboração na Bohemia Nova se terem reservado as últimas páginas. Investindo os Insubmissos com a Bohemia Nova, já forçaram Alberto de Oliveira a vir à estacada com um artigo solêne — «O snr. Eugénio de Castro e eu», e continuaram na sua faina turbadora dos boémios novos em mais cinco núme-

ros, com colaboração de João de Menezes, Silvestre Falcão, Barbosa de Andrade e de outros.

Publicado o segundo número da *Bohemia Nova*, já outra revista aparecia — *Bohemia Velha* — tôda com nomes figurados que logo se soube serem do estudante Lomeiino de Freitas e dos tipógrafos Pedro Cardoso e Delfim Gomes, criticando-se no único número publicado, humoristicamente e com acentuado azedume, as colaborações de António Nobre, Alberto de Oliveira, Carneiro de Moura, Alberto Osório de Castro e António de Melo.

Para cúmulo, havia de aparecer ainda, também em Fevereiro de 1889, a revista *Nem cá nem lá*, do seu titulo se concluindo que nem seguiria os nefelibatas da *Bohemia Nova*, nem os rebeldes dos *Insubmissos*, aqueles e estes formando grupos antagónicos e irredutíveis, revista essa, promovida por Pinto da Rocha e Ernesto de Vasconcelos, de que se publicaram apenas dois números em Fevereiro e Março (1).

Tôda a fumarada polémica se esvaía à aproximação dos actos universitários dêsse ano de 1888-1889, primeiro

(1) Devo ao favor do conhecido bibliófilo Sr. Cândido Nazaré o poder ver as revistas *Insubmissos* e *Nem cá nem lá*, pois que na Biblioteca Municipal há apenas a *Bohemia Nova* e a *Bohemia Velha* e não seria fácil encontrá-las em qualquer outra parte.

que António Nobre passou em Coimbra, e em que o seu orgulho teve de sofrer o rude golpe da reprovação. E no ano imediato a luta das boémias, dos insubmissos e dos neutros era já uma recordação alegre de gente moça que não sabe guardar ressentimentos.

António Nobre sofreu novo revés académico no ano de 1889-1890, reprovado pela segunda vez no primeiro ano jurídico, e corre com desespêro para Paris, a matricular-se na Sorbonne. E nesse mesmo ano (1890-1891) nos envia o Só, editado nominalmente por Léon Vanier, mas de verdade pelo seu amigo Dr. Alberto de Oliveira. E como numa revivescência das rebeldias e insubmissões passadas, aí surge uma paródia rimada ao Só, num opúsculo cheio de graça, intitulado Nós todos, firmado por Estefânio Rimbó, que encobria a autoria do poeta Eugénio Sanches da Gama.

A forma alegre, mas contundente, que Sanches da Gama dera à sua sátira, não foi de-certo um apagado acidente no côro de imprecações erguidas em volta do Só, que alguns aplaudiram, mas que muitos mais combateram. E que a paródia coimbrã deve ter impressionado António Nobre, depreende-se inequívocamente do facto de ter retocado na segunda edição algumas das asperezas mais vivamente focadas no Nós todos.



ANTÓNIO NOBRE, aluno
da Universidade de Coimbra

* * *

Finalmente, a terceira homenagem pública havia de ter lugar em 30 de Outubro de 1939.

O ilustre poeta e diplomata Sr. Dr. Alberto de Oliveira, numa dedicação de amigo pouco vista, e por isso mesmo muito mais honrosa, concebe o plano de um monumento a erguer em Coimbra e prontifica-se a oferecer um busto de bronze. A Câmara Municipal aplaude o alvitre, aceita a oferta e dispõe tudo para que o monumento se erga no Penedo da Saúde, ao lado mesmo da primeira casa que o Poeta habitou em Coimbra, e dominando a paisagem triste, triste, de fundo cinzento, em que destacam a policromia do casario que os anos vão distribuindo por aqui e por além, e em baixo as cintilações de uma nêsga de rio em suave curva.

Assumida a presidência pelo Sr. Reitor da Universidade, em representação de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, ladeado por duas senhoras da família do homenageado, iniciou a série de discursos o Sr. Prof. Dr. Ferrand Pimentel de Almeida, como Presidente da Câmara Municipal. Eugénio de Castro e João Saraiva dizem composições poéticas suas e lê-se uma mensagem de Afonso Lopes Vieira, impossibilitado de comparecer.

Ouvem-se seguidamente versos de António Correia de Oliveira, Pedro Homem de Melo e Alberto Osório de Castro; Raymond Warnier, Tito de Bettencourt e Almeida Campos prestam também a sua contribuição; e Alberto de Oliveira fecha a série dos discursos.

Antes e depois da inauguração, pela pena de ilustres escritores e jornalistas se enalteceu a homenagem coimbrã, servindo o ensejo para a produção de valiosos testemunhos sobre a personalidade de António Nobre, e de interessantes juízos sobre o valor e significado da sua obra.

O que se escreveu e disse sobre o Poeta era na verdade valioso de sobra para merecer o trabalho de o enfeixar por forma perdurável; e António Nobre bem merece que a Câmara Municipal de Coimbra procure prolongar no tempo e no espaço os ecos sentidos da manifestação inaugural do Penedo da Saüdade, e tome a peito reünir e divulgar a interessante floração literária que dessa homenagem brotou.

*Coimbra,
Dezembro de 1939.*

J. PINTO LOUREIRO.

NA SESSÃO INAUGURAL

Discurso do Presidente
da Câmara Municipal,
Sr. Prof. Dr. Ferrand
Pimentel de Almeida

No alto desta colina sacra de poetas e cismadores, nesta hora recolhida do quási-entardecer, em frente dêsse cenário de maravilha, eis-nos congregados para inaugurar o monumento gracioso que aqui vêdes, e que será mais um elo da cadeia doirada que prende a memória do poeta do *Só* a esta Coimbra linda dos seus amores e das suas tristezas, das suas miragens e dos seus desenganos, da sua ternura e da sua saúde.

Nem tudo foi enlêvo, é certo, para o poeta de *Purinha* na sua vida de estudante coimbrão. Nem sempre as vielas do burgo medievo rescenderam a poesia. Também da sua lira se desprende a queixa da

«Vida claustral, bacharelática, funesta»

(*Só*. «Carta a Manuel»).

E é Coimbra, amiúde, nos versos do poeta, a da paisagem triste:

*«Ó minha capa de estudante, às ventanias!
Cidade triste agasalhada entre choupais!»*

(*Só*. «Lusitânia no Bairro-Latino»).

*«Foi Coimbra. Foi esta paisagem triste, triste,
A cuja influência a minha alma não resiste:»*

(Só. «Carta a Manuel»).

«Evoco a Coimbra triste, em seu aspecto moiro».

(Só. «Na Estrada da Beira»).

Era a sua própria tristeza, a voz nostálgica da sua lira, que êle transferia à paisagem desta doce Coimbra. Chegou até a emprestar a êste céu de bênção o morbo impiedoso que breve havia de tornar em crepúsculo a aurora de seus sonhos e quimeras:

*«Quando vem Junho e deixo esta cidade,
Batina, Cais, tuberculosos Céus,»*

(Só. «Soneto». Coimbra, 1890).

Mais querido lhe era assim, vestido de melancolia, êste ninho de poetas cujo feitiço e beleza evocadora se sente palpitar em tantos dos seus mais formosos versos. Assim, no Só:

*«Que lindas coisas a lendária Coimbra encerra!
Que paisagem lunar que é a mais doce da Terra!»*

(Só. «Carta a Manuel»).

*«....., vamos por aí fora
Lavar a alma, furtar beijos, colher flores,
Por êsses doces, religiosos arredores,
Que, vistos uma vez, ah! não esquecem mais:
Tôrres, Condeixa, Santo António de Olivais,
Lorvão, Sernache, Nazaré, Tentúgal, Celas!
Sítios sem par! Onde há paisagens como aquelas?
Santos Lugares, onde jaz meu coração,
Cada um é para mim uma recordação...»*

(Só. «Carta a Manuel»).

E, em *Despedidas*:

*«Tôdas as tardes vou, Léman acima,
(E leve o tempo passa nessas tardes)
A pensar em Coimbra. Que saüdades!
Diogo Bernardes dêste meigo Lima.*

*Na solidão, pensar em ti anima,
Ó Coimbra sem par, flor das cidades!
Os rapazes tão bons nessas idades
(Antes que a vida ponha a mão em cima)*

*Alegres cantam nos teus arrabaldes.
Por mais que tire vêm cheios os baldes,
Mar de recordações, poço sem fundo!»*

(*Despedidas*. «Soneto». Lausana, Junho de 1896).

Ou então:

*«Rezai por mim, ó minhas boas freiras,
Rezai por mim, escuras oliveiras
De Coimbra, em Santo António de Olivais».*

(*Despedidas*. «Afirmações religiosas»).

E pelo muito que quis a Coimbra, pelo tanto que lhe deu a sua ternura, pela saüdade de que a ungiu e pela glória que lhe acrescentou, Coimbra lhe traduz hoje aqui, no bronze e na pedra, o seu agradecimento e a sua devoção. No Penedo da Saüdade, nesta cidadela das musas, êle será o castelão de ora avante.

Nem havemos de ler sòmente,—mais do que isso—, não havemos de ler maiormente, nessa pedra

e nesse bronze, a balada da melancolia, as tristezas e os pesadelos do poeta. A doença fê-lo triste. Enamorado da natureza, avultam nas suas poesias a noite, o crepúsculo, o sol-pôsto, o luar, o oceano, o vento; o vento sobretudo, o vento que «uiva», que «muge», que «geme», que «mia», que «entoa cantigas funestas», «o vento... corcel de rajada», os choupos que se estorcem, os pinheirais que «ululam»...

Mas pior que a tristeza é a desesperança...

Alguém, (aliás muito próximo do poeta pela afeição e pelo sangue), chamou ao *Só* «drama do despêro e revolta». Não será dizer demais? Ímpetos de despêro, assomos de revolta por certo que os há no *Só*, e o mal da tristeza impregna, por assim dizer, tôdas as fibras do poema. Seria porém tentado a afirmar que há nêle mais desesperança do que despêro, e mais agonia do que revolta.

Mas também, com exagêro contrário (e certamente mais funesto), não se lhe chame «Bíblia», nem «Breviário», nem «Livro de Horas». Delírio, não raro sublime, de imaginação e de sentimento, chama de alta poesia que se afoga por vezes na fumarada do desvairo, volúpia do hórrido e do macabro, paredes-meias, tantas vezes, com o dom da suavidade idílica e do lirismo mais puro, não são as sombras nem os negrumes do *Só* que nós queremos ver desprender-se da pedra e do bronze daquele monumento.

Por isso nos parecem hoje singularmente estranhas, vindas de um mundo estranho ou de uma época que diríamos perdida já nas brumas de um passado infausto e longínquo, estas palavras saídas

algum dia do cálamo patricio do Sr. Dr. Júlio Dantas:

«Nobre foi apenas o autor dum dos mais belos poemas que tem produzido a alma lírica moderna: é a figura que mais profundamente encarnou a grande tristeza nacional, expressão resignada e dolorosa de tôdas as fadigas da raça. Nenhum livro foi tão fortemente sentido pela mocidade portuguesa como o *Só*. Nenhum livro foi, por conseguinte, tão comovidamente amado: e porquê? Porque nos seus desalentos profundos, nas suas renúncias doentias, nas suas agonias formidáveis estamos todos nós. A minha geração reconheceu-se inteira nas páginas confrangedoras dêsses *Lusiadas* da decadência. A geração novíssima parece — ai dela e de nós! — reconhecer-se também».

E tão estranhas como aquelas são estoutras do Sr. Dr. Alberto de Oliveira: «... desta geração sonâmbula que faz alas para ver Portugal tombar na cova — não é verdade... que foi providencial sair um poeta capaz de responsar com eloquência a agonia dos farrapos de alma que nos restam?»

Que mudança nos tempos e que transformação nas almas! A mocidade de hoje, neste ano XIV da Revolução Nacional, neste Portugal operoso e confiante de Salazar, também abre alas, mas para que passe ovante, sob o signo da Paz, o cortejo das glórias e das realizações do Império, num mundo convulsionado e sombrio.

Admiráveis desígnios da Providência! Volvidos anos, haviam de ser os dois ilustres poetas os mais próximos colaboradores de Salazar nessa magnífica profissão de fé e afirmação das energias e da vitali-

dade da Raça que são as comemorações centenárias da Independência e da Restauração!

Lá do empíreo, a voz de profeta do poeta das *Despedidas* canta mais alto do que nas agonias do Só:

*«Tu voltarás a ser o que já foste,

 Não sei quê dentro em mim mo adivinha
 Não sei que voz mo diz de que eu mais goste.

 Todos são vivos, os heróis colossos,

 Reçam todos por séculos sem fim.
 Eu confio em ti, raça de Heróis!»*

(*Despedidas*).

Hemos de ver, enfim, evolvar-se daquela memória, e ser lição e ser luz, antes que o perfume estranho e capitoso da poesia do Só, criador de saudosismo mas quebrantador de energias, o amor enternecido do poeta pela terra portuguesa, a sua paixão por esta Coimbra de inefável doçura, a sua bondade, fagueira como a brisa e ampla como o mar, que se desprendia em mimos e finezas até para os animais, como na epopeia do «Pobresinho de Assis»:

*«Eu ia olhando o chão, embora com trabalho,
 Pois os meus olhos não podiam de fadigas,
 P'ra não pisar os carreirinhos das formigas».*

(Só. «Males de Anto»).

Aí fica de ora avante a efígie do poeta, fina e espiritual como a figurou, numa hora feliz, a arte de Tomás Costa. O vento, que êle cantou em versos

magníficos, há-de trazer-lhe os murmúrios do Mondego, e o ramalhar dos choupos, e as cantigas dos estudantes... E muito ao pé, as oliveiras amigas, tanto do seu carinho, núnias de paz, dadoras de bênção e de religiosa unção, hão-de afugentar os espectros da agonia e do desespêro, «as tristezas côr de chumbo», e cantarão, pela sua voz:

*«Não me tortura mais a Dor. Sou feliz. Creio
Em Deus, numa Outra-vida, além do Ar».*

(Só. «Ao Canto do Lume»).

*«Morre o corpo, a alma abre asa
E vai: é mudar de casa...»*

(Despedidas).

A Glória e a Morte

*Num bosque de pasmados arvores,
A Morte grave e a Glória, que suspira,
Um moço escutam que, tangendo a lira,
Traduz em canto mágoas e segredos.*

*Tal canto ouvindo, de abalar fragedos,
De alto loureiro a Glória um ramo tira,
E para o moço, cuja voz expira,
Verde c'róa entretece com seus dedos.*

*Porém a Morte, à laia de gracejo,
Da c'róa se apodera levemente
E diz, correndo ansiosa sôbre a erva:*

*— «Tua a dádiva é; mas, pois desejo
Na recompensa unir-me a ti, consente
Que eu vá levar-lha, como tua serva . . .».*

EUGÊNIO DE CASTRO.

Trago à glória de António Nobre a admiração que a sua lenda dourada fazia à geração que se seguiu à do Poeta em Coimbra.

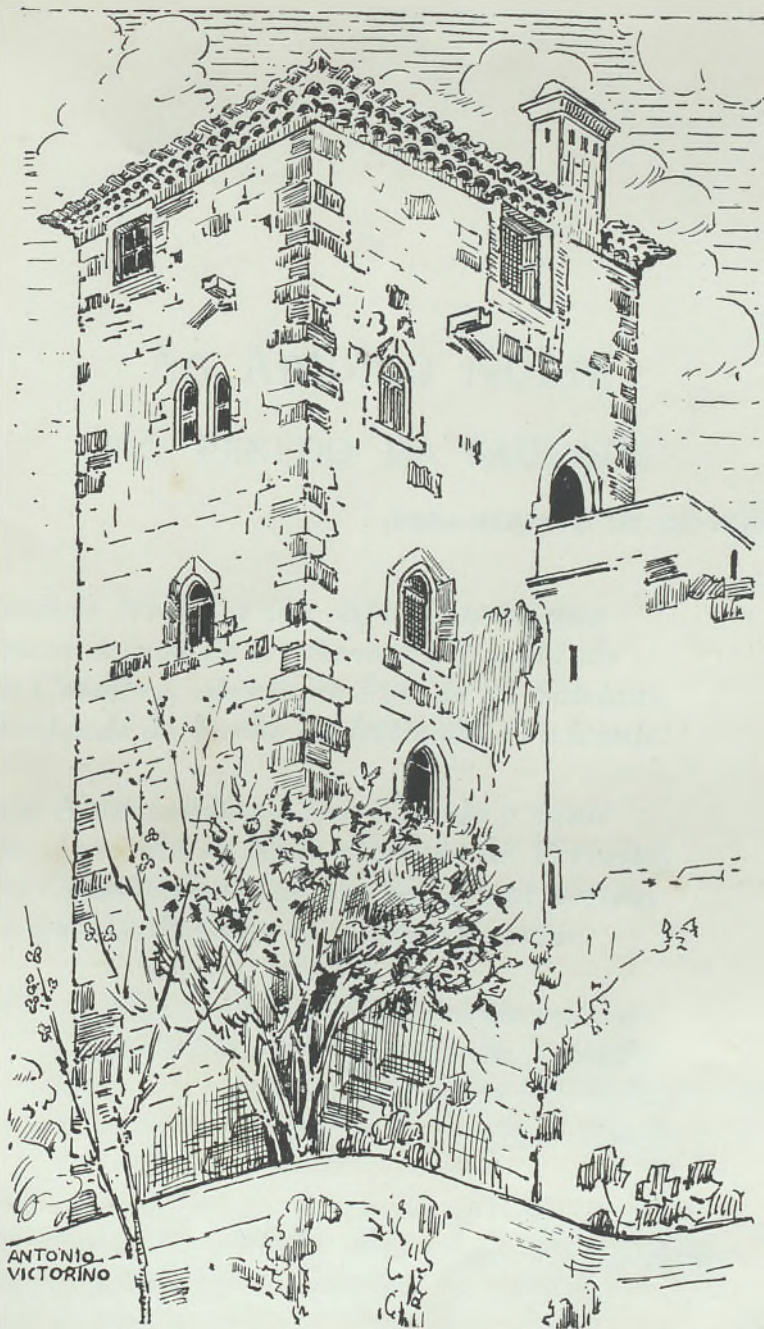
Êle foi para nós, e continua a ser, o exemplo mais raro de poeta—um poeta *poético*. Foi êle próprio o *Só*, que é o seu poema único que existe e que lhe bastou para a immortalidade. Mas o *Só* da primeira edição, maravilhoso in-fólio, até na arte gráfica, lusiada também nos prelos de Paris—e não o *Só* daquela edição de album de senhora, com maus desenhos que fazem mal aos versos.

Para que a lenda dourada do poeta do *Só* durasse e ficasse perdurando, o poeta do *Só* não foi homem de letras, nem foi mais do que isto, o que é também maravilhoso—um poeta *poético*. Sôbre todos os poetas do seu ciclo foi êle quem teve a vantagem suprema:—morreu moço. Nunca envelheceu! Por isso os seus antigos companheiros e amigos o olham já agora como àquele que os deuses amaram, e os que, como eu, só de longe o entreviram, olham-no como a quem penetrou nos mitos da Poesia e se move como Herói acima dos simples humanos. Mas eu queria que êste monumento, que consagra um poeta que tanto amou Coimbra, nos ficasse também como fiança do respeito, do carinho, do melindre devidos à beleza de Coimbra. Deus permita que Coimbra não venha a sofrer mais na sua paisagem, que é o seu mais belo monumento;

e que os erros já praticados venham a ter emenda, concertada por mãos de puros artistas, os únicos dignos de tocar na Graça das suas árvores, das suas águas, dos seus ares, das suas pedras; Graça de Cidade que não pertence apenas às suas Câmaras, nem aos seus naturais, mas pertence em verdade ao património espiritual do Mundo. Enquanto o busto de Camões escolar, com os dois olhos na face adolescente, se não ergue no Pátio da Universidade, à Porta de Minerva, com o Soneto de despedida a Coimbra inscrito no pedestal, seja pois o bronze do seu camarada António Nobre o fiador da Coimbra bela e pura. — Desejo citar um nome — o do editor do *Só*, o único que não temeu pôr o seu nome no in-fólio bruxo e terrível — França Amado, a quem a Coimbra do Espírito muito deve.

Senhoras e senhores: glória ao *Só*, glória ao poeta que teve génio e ficou perpétuamente moço nesta Coimbra tão velha e perpétuamente moça também!

AFONSO LOPES VIEIRA.



Torre de Anto

Ao António Nobre
NO PENEDO DA SAÜDADE

(PARA ALBERTO DE OLIVEIRA)

*António Nobre, a sua capa de estudante
Nunca deixou de freqüentar a Faculdade
Em Coimbra, aberta no Penedo da Saüdade,
Faculdade do Sonho, enfeitiçado e ondeante.*

*Petit Abbé saüdososo e entristecido a ouvir
Nos chuvisnos do Sena a canção de Verlaine,
Era Coimbra que via, em sua graça perene,
E a pálida Purinha a sofrer e a sorrir.*

*À voz da Ciência seus ouvidos eram moucos
Mas ouvia tão bem os rouxinóis da Estrada
A gorgear a canção dos salgueiros e a Fada,
Das rosas bravas, e dos poetas de amor loucos.*

*Vê-lo-ia Leça talvez cismando entre as sereias,
Seu aspecto magrinho, alvo como um jasmim . . .
Daqui, hoje irá só, condoído, ao Jardim,
Quando às olaias sai todo o sangue das veias.*

Lisboa, Outubro 25, 1939.

ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO.

Discurso do Director do Instituto Francês em Portugal, Sr. Raymond Warnier⁽¹⁾

O Sr. R. Warnier começa por se associar à homenagem prestada pelos letrados e intellectuais portuguezes a António Nobre, neste Penedo da Saúde de que o poeta, tão cedo desaparecido, escrevia em 1888 que era «o único sítio onde se pode viver». Já que não pôde aqui morrer e descansar, o autor do *Só* aqui viverá d'ora-àvante na lembrança dos seus compatriotas e dos seus concidadãos de Coimbra, que êle tanto amou, e onde o seu busto, graças à generosa iniciativa do seu companheiro de letras Alberto de Oliveira, lhe garante uma homenagem unânime e preciosa.

O sol de inverno, aparecido um instante entre duas nuvens para lá do Mondego, parece revestir esta solenidade outonal duma graça ligeiramente tocada de amargura, daquela mesma amargura a que o poeta deveu um pouco do seu êxito poético.

Como o celeiro de Médan, como a Abadia Unanimista de Créteil, como Pontigny ou Royaumont,

(1) Não sendo possível obter o texto completo dêste discurso, por ter sido pronunciado de improviso, publica-se apenas o seu extracto, segundo notas obsequiosamente fornecidas pelo orador.

é um dêstes sítios onde, de geração em geração, se cria entre os homens de letras e artistas uma solidariedade que resiste ao esquecimento.

O Sr. Warnier evoca ràpidamente as fases da curta carreira de António Nobre e julga dever insistir, como francês, na circunstância, não caprichosa, mas curiosa de que, desde a adolescência, António Nobre associe a sua vida, o seu nome e a sua obra à França. Quando deixa a faculdade de direito de Coimbra, é para Paris que parte, em 1890, para alcançar a sua licenciatura; aí descobre o ambiente do bairro latino, do Boulevard Saint-Michel, «Vachette» e «poetas malditos», ambiente em que o seu companheiro sobrevivido, Eugénio de Castro, participou da primeira batalha simbolista antes de regressar às margens do Mondego e marcar posição na história literária do seu país, nesse espaço entre o simbolismo francês e o dos países de língua portuguesa e espanhola.

Que estranho encontro, sublinha o orador, o das ambições legítimas do jóvem autor do *Só* e o do meio literário parisiense, tradicionalmente acolhedor para os talentos de todos os climas e de tôdas as nações! Foi um editor francês, Vanier, o editor dos grandes simbolistas, quem assegurou a impressão da obra intitulada *Só* e foi um editor português, França Amado, hoje presente nesta festa, quem lhe custeou as despesas. Belo exemplo de solidariedade que, a despeito das fronteiras, permite a aparição de um livro que fica uma obra prima da literatura portuguesa. É a época em que «la Bonne Chanson» de Verlaine, os versos superiores de Mallarmé, as obras primas do simbolismo francês, se multiplicam em França; é também a época em que notáveis autores

estrangeiros conseguem em França sólida reputação de poetas, como Verhaeren ou Rodenbàch; e outros de nascimento estrangeiro (Jean Moréas, Stuart Merrill, Viélé-Griffin) se naturalizam franceses pelo seu talento e pelo magnífico emprêgo da língua francesa.

António Nobre, fiel à língua pátria, encheu todavia a sua obra de impressões francesas e parisienses. Se as recordações de Coimbra, do Mondego, e do longínquo Portugal o angustiam, se evoca nostalgicamente «A Lusitânia no Bairro Latino» (1), não esquece a França que o acolheu. De-certo duvida da utilidade do seu nascimento como Châteaubriand em Combourg, não ama os «Poentes da França», e desejaria que o deixassem dormir; mas nos seus sonetos de terça-feira ao seu amigo Alberto, evoca a sua viagem, o chamamento incerto do destino e termina por pedir «França pelo amor de Deus».

Êste poema escrito em 1890 não será um dos sinais da compreensiva simpatia com que António Nobre, exilado de Coimbra, aprendeu a amar a França?

E o Sr. Warnier concluiu: «*Il faut aimer dans l'oeuvre de ce Poète et jusque dans ses inquiétudes morbides, dans ses recherches de lendemains plus beaux, son culte du beau, sa confiance désespérée dans un destin plus que terrestre et la vertu des vers qui regroupe autour de sa mémoire l'hommage de tout un peuple épris de lyrisme et de beauté.*»

Coimbra, fiel à sua missão, encontra nesta festa de recordação a sua graça arrebatadora de colina inspirada, a sua virtude de cidade inspiradora, onde pela graça dos homens e para sua satisfação lampeja o espírito e o génio.

(1) Êste poema foi traduzido por Pierre Hourcade na Antologia de poesias portuguesas, publicada num fascículo recente da *Revue Ygdrassill*.

A França, associando-se a esta homenagem, como a tôdas as que pelo mundo fóra se prestam a todos os génios, mostra uma vez mais que a sua generosidade continua acolhedora e não busca ligação e prestígio senão no mundo do espírito; que o seu «espaço vital» é sòmente espiritual e só procura conquistas neste terreno; que conserva a satisfação e o orgulho de sempre ter sabido acolher os talentos, as tristezas e os sonhos dos poetas e dos génios de todo o mundo. E quer ver na obra de António Nobre mais que o cepticismo duma geração de que já se tem duvidado, saüdando nêle a eclosão dum generoso renascimento literário que a história da literatura tem confirmado e a que o presente presta homenagem, e o temperamento poético dum grande talento que (no exemplo do *Só*) apareceu nas margens do Sena, e recorda uma época de solidariedade intelectual de confiante amisade, a que as homenagens hoje prestadas dão o verdadeiro realce.

Carta de Saüdade

A ANTÓNIO NOBRE

(EXCÉRTO)

*Ó doce amigo, meu Anto:
Não preguntes quem se atreve,
Embora estejas de Santo . . .
Nem Jesus fizera espanto!
— A Saüdade é quem te escreve.*

*Alguém disse à minha beira,
E em voz de timbre onde timbra
A amizade milagreira,
Que — na morte e vida inteira, —
Vinhas morar em Coimbra.*

*Bemvindo! E já sôbre o rio
(Áurea fôlha de papel)
Te vejo a escrever a fio
(A aragem tôda em cicío)
Nova Carta a Manuel.*

*E que nos dirás dos lentes?
Dos estudantes de agora?
Outras modas, outras gentes . . .
E das paisagens virentes?
Condeixa, Tentugal fóra?*

*Já não verás a escultura
Do «choupo magro e velhinho»,
Mas, eu sei que na espessura
Ficou a Espectral Figura
Que lhe deu o teu carinho.*

*Aos poetas que hoje são
Que dirás de belo e austero,
Por conselho e rogação
De Sá, Luiz, ou, então,
De João de Deus e Antero?*

*E que dirás ao Mondego
Da linda Inês, onde está
Junto ao Rio do Sossêgo
Que jámais, de engano cego
A ventura enganará?*

*Bemvindo! No tom, puro e sério,
Que trazes da Eternidade,
Roga de amor à Cidade
Não turbe o sacro mistério
Do Penedo da Saúde.*

*Quando a sombra tudo acoite
No pálido negro, ou, também,
Quando o luar mal afoite
Seu passo, agarrado à Noite
Qual filho às saias da Mãe;*

*Tímida, alegre, apressada,
Aos ombros pondo, ansiante,
A escuridão estrelada
Como a capa esburacada
Dos teus tempos de estudante:*

*De manso irei, doce amigo,
Sob a imensa tenda arbórea
Junto da tua Memória,
Para falares comigo
De Arte, Dor, Amor e Glória.*

*E quero, então, que me digas:
António (bem o sei eu!)
Na terra, dada às ortigas,
Inda há saüdades antigas
De etéreas rosas do Céu;*

*Mas, lá Cima, às nossas Vidas,
Já na luz Celestial,
Já para Deus re floridas,
— Também serão consentidas
Saüdades de Portugal?*

*Ah! se as houver . . . Bênção minha,
Deus me leve de entre o pó,
A mim, Saüdade, a tristinha:
E aqui, — onde fui Rainha, —
A Esp'rança reine, Ela . . . Só!*

25 Outubro 1939.

A rôgo da Saüdade,

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA.

Canção triste

*Em que sismas olhar tão longo e aflito?
Olhar de António Nobre!
A morte é certa... O pão é de granito.
E o povo, o povo é pobre...*

*Não será Coimbra a fonte da tristeza?
Busco em redor... São tudo versos de Anto:
Tão longe o sol? Frágil candeia acesa...
Tão longe o sol! Tão gélido o seu pranto!*

*Jardins, jardins... Crisântemos, violetas
Que vai queimar a neve... À minha alma tal qual:
Ó mocidade envolta em capas pretas!
Ó procissão das árvores! Choupal.*

*O Mondego, o que tem? Como esquifes a andar
Vão os barcos a medo...
Ah como o rio azul se transforma em penêdo
Só por eu o fitar!*

*São tudo versos de Anto... E a Torre (que ainda é sua
Na morte mais até do que na vida!)
Vem-nos falar também do Príncipe da Lua,
Do Mar Morto, do Além, da Índia perdida!*

*Daquí, de Coimbra a nau dêle partira
A percorrer o globo, pôrto em pôrto...
«Zero, o planeta! Viajar? mentira!
Ninguém, ninguém esquece que está morto!»*

*Ó voz do Só — candura, amor, desgraça —
(A noite é mar, é mar... O vento é fundo é fundo...).
Ó voz do Só — candura, amor, desgraça —
Hino imortal da portuguesa raça!
Tristeza! Voz de aquém e de além mundo!*

30 de Outubro de 1939.

PEDRO HOMEM DE MELLO.

Anto na Tôrre

*Na velha Tôrre, ao cimo da muralha
Que o burgo coimbrão cingiu primeiro,
Anto ressurgue, à meia-luz grisalha,
Cabelo em caracóis, rosto trigueiro.*

*Vejo-o na cela triste onde trabalha,
Príncipe, monge, pescador, tropeiro,
Como um Byron do Sul, da mesma igualha,
Ou como um novo Bernardim Ribeiro.*

*Lá fora, o Sol desmaia entre esplendores...
Mas os olhos do Poeta não desejam
Senão quadros de sombras e de dores!*

*Cantam festivamente as outras liras...
Mas as cordas da sua talvez sejam
Seu próprio coração desfeito em liras!*

Anto na Lenda

*Ó Poeta do Só! Em cada rua
Desta Coimbra, que não sai da História,
Viçosa se mantém tua memória
E a tua capa ao vento ainda flutua.*

*Tens grandes olhos, tua voz, a tua
Mortal tristeza, mãe da tua glória,
Não se sumiram já, sombra ilusória:
Seu condão, sua lenda continua...*

*Chamam-te os ecos, não se quebra o encanto
Da imagem tua, ó Mago! ó Poeta! ó Anto!
Na velha Torre de ogivais janelas.*

*E as águas do Mondego sonhadoras
Inquietam-se ao luar, como se fôras
Tua incurável dor chorar com elas!*

ALBERTO D'OLIVEIRA.

Discurso do Sr. Dr. Alberto d'Oliveira

Antes de se encerrar esta cerimónia seja-me permitido exprimir aqui, em breves palavras, a gratidão e regosijo dos amigos e companheiros de António Nobre pela alta homenagem que a Câmara Municipal de Coimbra presta hoje ao mais penetrante e comunicativo poeta e cantor da cidade do Mondego, àquele que, antes e depois de tantos outros, sobrepondo-se a todos no longo cortejo das gerações, melhor definiu, e em mais ressoantes versos celebrou, os mil encantos da

«Coimbra sem par, flor das Cidades»

como êle próprio lhe chamou.

Iguais agradecimentos devo, e com fervor endereço, aos insignes poetas que ergueram aqui a sua voz para se associarem a esta consagração, assim como aos representantes da Associação Académica e da mocidade coimbrã de hoje, que em António Nobre tem e terá, como tôdas as suas predecessoras e sucessoras, o mais fiel, característico e duradoiro dos intérpretes.

Nenhuma outra terra portuguesa se pode gabar, bem o sabemos, de, em todos os tempos, ter visto

rendido de amor a seus pés, como ante deusa ou ninfa de irresistível fascinação, o estro dos poetas que com ela conviveram. Algumas vezes me surpreendo a visionar, pelos séculos fora, tôdas as grandes liras lusitanas, com a de Camões na dianteira, suspensas dos salgueirais do rio e a vibrar perpétua-mente, dedilhadas pelo vento brando, como outras harpas eólias.

De agora em diante, graças à vossa bemvinda iniciativa, António Nobre, que um fado adverso cêdo afastou de Coimbra, e que só se vingou de tão indesejado exílio sublimando-o nas páginas imorre- doiras do *Só*, volta para sempre aos lugares que, com pungente dor e saüdade, evocou nos seus versos e na sua obstinada e impermeável solidão de Paris. A sua voz de desterrado mais se alteou, e mais fundo gemeu e cantou, longe da vista, mas perto como nunca do coração da Pátria distante. Esse castigo transmudou-se em prémio, e direi que foi quasi essencial ao maior vôo da sua obra. Aqui temos o poeta revivido no magnífico busto do escul- tor Tomás Costa, que soube transmitir ao bronze, além da semelhança extrema, tôda a doçura e melancolia do original. Aqui fica definitivamente ao vosso lado, na vossa amiga e terna companhia: e a sua memória vai renascer agora, mais actual que nunca, tanto neste Penedo da Saüdade, que o poeta habitou algum tempo, e cujo nome parece a definição sim- bólica da sua vida e da sua obra, como na venerável e encantadora Torre de Anto, que êle desencantou do seu torpor secular, e que nunca mais se divorciará do baptismo que a tornou famosa, nem do feitiço de poesia e lenda de que a impregnou o seu amoroso padrinho, se bem que efémero habitante.



94^{mo} e Ex.^{mo} Senhores
 1.º Au.º de Direito
 N.º 13

- em cartão de idade -

Antonio Pereira Nobre, filho de Jose Pe-
 reira Nobre, natural do Porto, freguesia
 de Santo Ildefonso: pretendendo matricu-
 lar-se em o primeiro anno da Faculdade
 de Direito, na Universidade de Coimbra, para
 o que se acha devidamente habilitado, como
 prova pelos documentos junctos:

Ante a nome de António
 Pereira Nobre
 e a presença de 2 Testes
 a. 116
 António Nobre

Pede a V. Ex.^{cia} se di-
 que mandal-o admitir
 a referida matricula.

Ex. Re. M.^{ce}

Coimbra, 15 de Setembro
 de 1888.

Antonio Pereira Nobre.

Revolve-se a assignatura supra.
 Coimbra, 16 de Setembro de 1888
 Com test. R. de Vozes
 O Labelião
 Antonio Pereira Nobre



Primeira matrícula de António Nobre
 na Universidade de Coimbra

Podemos bem reconhecer, interrogando com serenidade a consciência, que, se o poeta do *Só*, ao primeiro contacto com Coimbra, logo a adivinhou, dela se enamorou e com ela espiritualmente se fundiu, Coimbra levou mais tempo a adivinhá-lo a êle. Foram talvez as suas excentricidades pessoais, no entanto tão graciosas, cândidas e sinceras, que o tornaram menos acessível à simpatia e compreensão imediatas, como paralelamente foram os seus inauditos e inovações literárias, pura e directa expressão da sua espontânea originalidade e do seu nacionalismo instintivo e quasi folclórico, que retardaram e rodearam de objecções sem pêso, e até de ironias sem graça, o culto de admiração que tão devido lhe era. Sempre sucedeu assim com os portadores de inédito, com os demolidores de rotinas, como êle foi, num mundo duramente regrado pela imitação, pelo automatismo e pelo hábito.

De-certo Coimbra não mostrou logo alvoroço em abrir os braços àquele moço singular e diferente de todos, e pôs talvez alguns embargos praxistas à sua capa adornada de seda, ao alvo colarinho voltado que gentilmente lhe debruava e iluminava a batina, ao seu cabelo em anéis trasbordando dum gôrro, que êle soube repor em uso elegante, e tão esteticamente irmanou com as carapuças pitorescas dos nossos homens do campo e do mar. Contudo, nessas mesmas bancadas escolares, que o não retiveram, se haviam sentado antes dêle, em gerações sucessivas, quasi todos os grandes valores das nossas Letras, fidalgamente acolhidos por quem fechava olhos indulgentes às suas deficiências ou negligências jurídicas, perante o brilho de dotes mais excepcionais.



Digamos, aliás, que com igual incompreensão foi António Nobre tratado de início pelos seus pares, até mesmo depois de dado a público êsse livro admirável e único, tão bem chamado *Só*, que enriqueceu a poesia nacional com tantos temas virgens, tantas fontes de inspiração e formas de expressão ignoradas, embora tôdas emanadas da tradição, êsse livro que trouxe então e traz ainda hoje, às nossas sensibilidades, aquele *frisson nouveau*, aquele arripio novo que denuncia e consagra os precursores. Pode dizer-se que, com excepção de Oliveira Martins, que ao folhear o *Só*, logo exclamou: «Temos finalmente um grande Poeta!» nenhum Grande de Portugal pressentiu, ao primeiro relance, quem era, quem ia ser António Nobre — aquele mesmo, no entanto, a quem os simples pescadores de Leça já chamavam tão flagrantemente, e em toada de vaticínio, o *Criatura Nova*...

Maior motivo temos para nos regozijarmos nós, tenros rapazes dêsse tempo, de que a nossa visão e previsão excedessem as dos nossos maiores — e maiores em todo o sentido — ao erguermos o Poeta ao nível dêles, desde que com êle convivemos, e até mesmo antes de ver florir em tão belos poemas a sua alma, já dêles rescendente e a exalá-los como divino aroma. Logo proclamámos o seu valor e prometemos a sua glória; e com contagiosa simpatia e ardor nos secundaram as gerações coimbrãs que se seguiram à nossa. E foi de-certo por isso que mais de-pressa se formou aqui em Coimbra, e depois alastrou por tôda a parte, a corrente de celebridade, e até de popularidade, que não tardou a envolver a obra e a figura do Poeta. E estava bem que assim fôsse. Já escrevi algures que a tristeza era a clave

da sua lira. Ora a tristeza, aliada à beleza, é de igual modo a clave desta paisagem a que também eu, que por longes terras andei, e tantos anos de vida lá deixei, jamais descobri par.

E por isso volto a dizer que Coimbra não teve ainda mais penetrante e insinuante cantor e transmissor da magnética harmonia da sua natureza, da poesia das suas tradições e da fina raça e graça das suas mulheres. A afluência a esta festa de numerosos estudantes leva-me a crer que êles assim o reconhecem. E só lhes peço que, no seu culto e devoção a uma cidade que em si contém tão boa parte da história, da cultura e da beleza de Portugal, se prevaleçam, como dum catecismo, dos preceitos e sentenças do *Só*.

António Nobre em parte alguma está mais no seu lugar, no lugar de honra e glória que lhe cabe, do que neste remanso coimbrão onde o colocastes, e essa vai também ser grata consolação para os meus velhos dias. Aqui vejo o Município com o ilustre professor da Faculdade de Letras que é seu presidente. Aqui vejo a Universidade representada pelo seu egrégio Reitor e pelos seus lentes e estudantes. Aqui vejo a culta população da cidade. E recolhidos todos diante dêste monumento sem pompa, mas tão expressivo pela formosa cabeça que nêle se alteia, e pelos maravilhosos panoramas que o emolduram, recordemos que a nenhum céu se chega sem virtude, sem sofrimentos e sem luta, e que a apoteose literária é também um céu a seu modo. Foi essa apoteose que Coimbra ofertou hoje a António Nobre, e entre os poetas só Luiz de Camões aqui a teve antes dêle, e as almas dêsses dois grandes líricos parecem unir-se através das idades, na sua comum saúde das águas

e dos campos do Mondego. E aqui estamos todos, e até um instante esquecidos da guerra atroz que troveja ao longe, aqui estamos, de braços abertos e corações palpitantes, a acolher o exilado de há meio século como a um novo filho pródigo, mas êste só pródigo de talento e de bens de alma. Aqui estamos com a nossa presença a proclamar que, a-pesar-de tão longe de Coimbra, António Nobre se formou e se doutorou em tôdas as belezas de Coimbra, e as professou e nelas se inspirou com êxito e brilho por ninguém ultrapassados. E aqui estamos enfim a coroá-lo de virentes loiros, em côro e aclamação unânimes, sem reservas da inteligência nem da memória, e não é verdade, meus senhores?—*nemine discrepante!*—para falar, até ao têrmo das minhas palavras, na linguagem mais familiar à Coimbra do meu tempo e do meu affecto.

O Poeta e a Morte

Coimbra inaugura amanhã um monumento a António Nobre, no Penedo da Saúde. A ideia é felicíssima. Creio que é de Alberto de Oliveira, que teve sempre o talento do coração. Em nenhum lugar de Portugal, em nenhum sítio do Mundo, ficaria melhor esta memória do autor do *Só*. Em nenhum outro horizonte a sua alma poderia comprazer-se mais.

Melhor do que um poeta português, Nobre ficou sempre um poeta de Coimbra. A velha cidade do Mondego representa na tradição literária portuguesa um caso que eu creio que não tem precedente nem paralelo em nenhuma outra literatura. A grande linhagem do lirismo português, desde Camões, a João de Deus, a António Nobre, a Augusto Gil, a Fausto Guedes, a Lopes Vieira, a Teixeira de Pascoais, é coimbrã. Coimbra imprime uma marca indelével aos temperamentos literários que lá se formaram. Há na mentalidade portuguesa um espírito coimbrão — uma forma de sensibilidade romântica regional; uma espécie de trinado que constitue uma nota lírica, que em certas personalidades representa pela vida fora um traço dominante indestrutível.

Donde vem essa influência de espírito, essa diluição sentimental de Coimbra? Em grande

parte, sem dúvida, da lenda de juventude que está ligada à formação universitária da cidade. Durante séculos Coimbra foi uma terra habitada, governada pela mocidade. Foi um Estado, com uma organização, uma tradição especiais, dentro do Estado português. E esse perene contacto juvenil, por uma contínua transfusão de sangue, transforma a própria imagem de Coimbra. Há centenas de anos que, sob os salgueirais, os amores de Inês de Castro têm perpetuamente vinte anos; que a velha Cathedral e o Mosteiro de Santa Clara usam, como a Universidade, capa e batina; que o Quebra Costas e a Calçada dos Apóstolos cantam o fado ao luar. Formou-se uma alma e essa alma, descuidada e boémia, meia rouxinol, meia cotovia, encheu de sonoridade, de prestígio, de sentimento uma das mais musicais, das mais doces, claras e sensíveis paisagens do Mundo — esse formoso vale do Mondego, de que só encontrei paralelo nos lindos olivais toscanos e no sono de Florença sôbre os limos e as pontes do Arno.

António Nobre foi, literariamente, uma das expressões dessa alma e dessa paisagem. Há no seu pessimismo, no seu exotismo, na sua megalomania, na sua affectação um pouco cínica, uma nota de mocidade tão sincera e tão dorida que a Glória perdoou-lhe tudo. Quando êle nos confessa em verso que tem doidos na família, quando nos diz, em rima, que a sua dor é maior do que a de Cristo, quando se compara a Camões e a lord Byron, quando celebra os céus da França «como escarros às *Ave-Marias*», há na sua voz um acento de ingenuidade que faz esquecer o mau gosto ou a excentricidade das confissões e das palavras.

Nobre foi sobretudo um grande poeta romântico, que, pela doença e pela sensibilidade, morreu sem ter vivido (e a essa tragédia o coração humano é sempre sensível); que criou, em si e em tórno de si, um mundo irreal de coisas postiças que, à fôrça de imaginadas, se tornaram sinceras. Nobre não é um artificial. O artifício em arte não dura. Poderemos chamar ao poeta do *Só* um falso-sincero. O seu ego-centrismo é duma audácia juvenil, empolgante nos seus próprios excessos. Nas suas fingidas perversidades, nas suas atitudes de príncipe encantado, nas suas pretensões poéticas, êle foi, sobretudo, um coração sensível e triste, com o orgulho dos condenados pela doença, retraído, doloroso — que pôs a sua dor em bicos de pés para a tornar maior, que exagerou a literatura até à deformação para disfarçar uma ânsia insatisfeita de viver; que se dramatizou, se exacerbou interiormente até fazer dos seus artifícios carne viva e transformar em arte uma hiper-sensibilidade mais imaginária do que real.

O caso literário de António Nobre é, por isso, singular. Não se encontra em literatura alguma nada de semelhante. No fundo é um ardente e um sensual — impotente no seu ardor e na sua sensualidade. É essa a sua sinceridade. O seu génio — porque o seu lirismo tem acentos de génio — não tem parentesco na literatura portuguesa. José Duro, que foi mais poeta do que êle, não teve êsse formidável poder de ficção do *Só*, que dá a êsse livro a sua incomparável fôrça criadora e ainda hoje a sua grande repercussão nacional. Se, fora da literatura portuguesa, tivermos de comparar António Nobre a algum poeta estrangeiro, será mais a Byron, pelo culto de si próprio, talvez a Musset, pelo ardor

romântico, do que a qualquer outro, mesmo a Baudelaire.

Consagrar um Poeta, um simples poeta, que não deixou na terra senão um feixe de sonhos, tem, neste momento de tempestade humana, uma piedosa significação. Honra seja a Coimbra que, com o seu votivo gesto, nos honra um pouco a todos — porque somos todos, ainda hoje, mais ou menos *sòsistas*. O *Só* ficou o grande livro duma época de subjectivismo um pouco mórbido.

Mais do que essa admirável obra de decadência, o Poeta foi, pela sua figura e pela sua lenda, a personificação dum ideal poético que, a despeito de tudo, resistiu ao tempo. Serviu-o nisso a Morte. A vida, sendo longa, obriga-nos a falsificar, lenta mas inexoravelmente, a nossa própria imagem. O Vítor Hugo dos oitenta anos é, física e intelectualmente, tão parecido com o Vítor Hugo dos vinte ou trinta anos como eu posso ser com o meu avô. Depois duma certa idade todos somos avós de nós próprios. E a poesia é, como o amor, um dom da mocidade. António Nobre morreu aos trinta e dois anos, sem nunca ter feito outra coisa que não fôsse cantar a sua própria dôr. — isso que nos permite vê-lo ainda, de capa e batina, esguio, com os seus grandes olhos meridionais, sôbre um pedestal dominando os olivais de Coimbra.

Na vida dum Poeta a morte não pode ser um fim: deve ser uma conclusão. A nossa imaginação não admite que os poetas envelheçam, sem os diminuir. Depois de nos legar *As Despedidas*; depois de ter escrito sinistramente que morreria a uma terça-feira, António Nobre não tinha outra coisa a fazer senão o que fêz: deixar-nos por uma terça-feira de

Março, em Carreiros, perto do mar—para entrar «nesse velho convento que se chama a Paz», como êle cantara.

É à essa Morte, mais do que à vida, que nós vamos buscar a imagem do Poeta que Coimbra consagra amanhã numa das mais belas molduras da sua paisagem, melodiosa e colorida como uma canção.

AUGUSTO DE CASTRO.

António Nobre

Coimbra, por iniciativa da Câmara Municipal e de um diplomata insigne que nunca deixou de ser essencialmente um poeta—Alberto de Oliveira—acaba de celebrar a glória de António Nobre.

Se em qualquer momento semelhante acto seria de louvar, na hora que passa—hora de violência e de loucura destrutiva— a glorificação de um poeta lírico, representante de valores morais superiores, intérprete de altos sentimentos afectivos, expressão do que há de mais compassivo e de mais elevado na fraternidade e na ternura humana, reveste-se de significação especial e de singular relêvo. Qualquer que fôsse o mérito desse poeta, a celebração e a perpetuação do seu nome no bronze de um monumento equivaleriam à afirmação de que em Portugal se mantém, no bárbaro instante em que nos encontramos, o culto das emoções delicadas e dos nobres ideais que tornam a vida digna de ser vivida.

Acontece, porém, que António Nobre é um dos maiores poetas que a alma nacional produziu nos últimos tempos, e aquele, talvez, que mais eloqüentemente interpretou o sentimento inquieto, melancólico e vagamente doloroso de uma geração que não se considerou feliz. Era devido ao seu talento o preito que a cidade de Coimbra acaba de prestar-lhe —a cidade, aliás, por êle tão cantada— e comove-nos

pensar que essa obra de gratidão e de justiça se realizou com a participação de um dos companheiros mais queridos do poeta do *Só*, seu irmão espiritual, que adivinhou desde a primeira hora o alto valor de António Nobre quando a mocidade radiosa os embalava a ambos, e que ao assomar da velhice, depois de uma vida inteira de êxitos diplomáticos e de serviços ao seu país, se lembrou ainda do jôvem solitário da torre de Anto e ofereceu o busto do poeta à terra em que mais palpitante e mais viva permanece a sua memória. Alberto de Oliveira pagou uma dívida que era de nós todos. O busto de António Nobre ficará, ao sol claro do Penedo da Saüdade — lugar santo da poesia coimbrã — a ensinar às novas gerações de estudantes que os povos não vivem apenas para o árido utilitarismo que infelizmente caracteriza a existência moderna, mas para as suaves emoções e para os puros prazeres do sentimento, «lições do coração» necessárias ao equilíbrio vital da natureza humana.

O poeta do *Só* e das *Despedidas* não era, como se tem dito, um romântico, ou um neo-romântico, mas um simbolista, um decadentista e um «deliquescente» profundamente impressionado pela leitura de Verlaine e de Moréas, cujo maior título de glória consiste em ter operado a transplantação destas tendências da poesia francesa, atribuindo-lhes expressão e carácter eminentemente nacional. Sensibilidade delicada, natureza impressionável, pura campânula de cristal vibrando a tôdas as solicitações da vida, António Nobre, a-pesar-de ter sofrido a influência directa das escolas estrangeiras dissidentes do parnasianismo, «sentiu em português» e soube interpretar a inquietação espiritual

da sua geração «portuguesa», o que tornou fortemente comunicativa a obra lírica que nos deixou, a despeito da filiação estranha de algumas das suas composições, onde passam com freqüência, em ritmos e imagens, Verlaine, Stuart Merrill, Tailhade e, sobretudo, Jean Moréas (veja-se entre outros, em *Cantilènes*, o trecho *Nocturne*). Todos os poetas são produtos necessários de um complexo de influências: mas nem todos se mantêm, como Nobre, «pessoais» e «inimitáveis». Outra das características que tornam imortais as poesias do *Só*, é a perturbadora, a contagiosa morbidez do seu lirismo. O que em muitos poetas atrai e suscita a admiração — já várias vezes o tenho observado — parece ser aquilo mesmo que na sua imaginação, na sua sensibilidade ou na sua impressionabilidade existe de doentio, de morbidamente doloroso, e, portanto, de profundamente humano, — se, como um crítico disse a respeito de Leopardi, considerarmos realmente o sofrimento e a doença mais «humanos» e mais «naturais» do que a higidez, a alegria e a plenitude eufórica. A «biografia interior» de António Nobre (adopto a expressão de Emerson), revelada nos seus versos, é a de alguém que sofreu, não apenas física, mas moralmente; e isso não contribue pouco, ainda hoje, para o fulgor da sua auréola e para o prestígio da sua obra.

Seja, porém, como fôr (António Nobre constitue um «caso literário» que ainda há-de ser muitas vezes estudado), estamos em presença de um grande poeta, e — mesmo dado desconto às suas irregularidades — de um dos maiores poetas que o último quartel do século XIX produziu, não apenas em Portugal, mas nas literaturas novi-latinas. Curvando-me perante a sua memória, neste momento tão justa-

mente recordada, saúdo também Alberto de Oliveira e todos os poetas ainda felizmente vivos que com António Nobre formaram, há quarenta anos (como o tempo passa!) a pléiade brilhantíssima dos simbolistas, dos bizantinistas, dos instrumentistas, dos nefélicos, — Eugénio de Castro, patriarca magnífico da escola, Júlio Brandão, D. João de Castro, Alberto Osório de Castro, Antero de Figueiredo, poeta em prosa de *Tristia* e de *Além*, figuras literárias que a minha geração tanto admirou e a quem a nação não tem regateado, pela vida fora, aprêço e reconhecimento. Nomes de antologia, deve-lhes muito a literatura portuguesa; e não lhes deve menos a língua, cujas riquezas inexauríveis mobilizaram, e a que imprimiram, não apenas nova vida, mas novo esplendor e novo ritmo.

JÚLIO DANTAS.



Monumento do Penedo da Saúde

António Nobre

Coimbra, a cidade-alma sempre rebuçada na sua capa negra de estudante, acaba de enraizar, como planta preciosa, no Jardim do Penedo da Saúde, uma airosa *ars memoriae*, em honra de certo idealista por quem o Mondego ainda hoje chora mais sentidamente do que outrora chorou o Tejo por D. Francisco de Almeida e seu filho, segundo o testemunho de Camões. Refiro-me, é supérfluo dizê-lo, a António Nobre.

Camões, António Nobre... Os incertos caminhos da escrita fizeram-me juntar, sem nenhuma premeditação, o nome do poeta que melhor soube interpretar a alma épica e lírica de Portugal de quinhentos e o daquele que mais ansiosamente auscultou a alma conturbada de outro Portugal que nós ainda conhecemos: o que, há 50 anos, esquecia presente e futuro, já cansado da sua jornada de sete séculos. Sem premeditação, posso repeti-lo, mas também (creio-o) sem desacêrto. A pena de quem escreve nem sempre é um dócil instrumento de trabalho. Às vezes participa da vida mental de quem a dirige, e não raro apreende, traduz ou deforma pensamentos ainda mal visíveis no espelho da consciência.

Julgo, de facto, que não cometi êrro de agravo ou de lisonja quando inocentemente aproximei os

dois nomes. No talento, na arte de escrever e sobretudo na Poesia há também árvores genealógicas de velho tronco, luzido armorial e inumeráveis ramos. Os espíritos que, através dos séculos, se correspondem, compreendem e entreligam, irresistivelmente atraídos, constituem verdadeiras famílias de escol, sujeitas ao mal e ao bem das grandes tradições, com suas afinidades, suas glórias ou desaires, seus insofridos anseios de ascensão. E, porque assim é, vejo em António Nobre um parente, quási um descendente de Camões. Pela semelhança das duas obras poéticas? Não por certo. Simplesmente pelo que pôde tornar possíveis essas obras. Na argila que as representa a nossos olhos, aparecem-nos, sim, com feição diversa; mas a luz, que as ilumina e aquece, provém do mesmo astro interior; a voz com que nos falam tem idêntico poder de atracção, de penetração e até, por vezes, de dominação. Poetas da mesma stirpe, afeiçoou-os à sua imagem e semelhança a época em que cada um viveu. Ambos portugueses, portanto; mais: ambos sentindo-se portugueses de igual modo.

E é principalmente por isso, cuido eu, que a homenagem agora prestada em Coimbra ao poeta do *Só* não encontra apenas justificação na amizade fiel daqueles que o seu alto espírito cativou outrora ou no sentimento de admiração que ainda hoje o conserva môço e vivo no mundo dos mortos. Apesar de não terem sido mais que um breve parêntese da sua vida de estudante os dias que António Nobre permaneceu em Coimbra, esta cidade, mãi extremosa de poetas, pode talvez apontar-se como a terra portuguesa que êle sentiu mais perto do coração. Certo, nascido no Pôrto, também ao Pôrto o prenderam

vigorosas raízes afectivas. Em alguns dos versos, que escreveu, entrevê-se a grande cidade do norte, rica de tradições poéticas, mostrando como jóias ou como chagas as suas almas humildes, embelezada pelo esplendor e pela profundidade dos seus horizontes marinhos. Mas Coimbra, que êle abandonou em 89, seguiu-o como a sombra de uma noiva morta — e nunca mais a saúde deixou de fundir numa luz nova ou em outra sombra maior essa boa e fiel sombra. Por isso, nem as seduções de Paris, cidade mundana e tumultuosa que António Nobre demandou em seguida, lograram verdadeiramente apaziguar as suas melancolias de exilado. Ali, em terra estrangeira, nasceu de sangue português o *Só*. Depois, já ferido pela morte e pela glória, o poeta não teve tempo de se entregar de novo a Portugal. Apenas repatriado, achou diante de si o áspero calvário que devia subir, passo a passo, como um condenado, durante 5 anos: Davos-Platz, América, Madeira, outra vez a Suíça, Estoril, Foz do Douro, e, por fim, chegada a hora de fechar o círculo de ferro do seu destino, o Pôrto — que fôra berço e se converteu em túmulo. Dêle se pode dizer, abo-nando a verdade da expressão camoneana, que não morreu — partiu primeiro. É certo, porém, que partiu muito cedo. Apressou-o talvez a necessidade de conhecer outro mundo mais belo.

Entre numerosas recordações literárias, entesouradas e quási sepultadas em uma velha casa do Minho, guardo, há cêrca de 50 anos, vários papéis já amarelecidos pelo tempo e pela obscuridade, onde António Nobre alinhou alguns dos seus primeiros versos. Pesa-me que tão longe estejam no momento em que, relembro-os escrevo estas palavras.



Contudo a falta não é total. Em meio de outra papelada menos envelhecida que ainda conservo aqui, em Lisboa, consegui encontrar, desgarrado, um dos autógrafos daquela colecção: o soneto intitulado «Luto...», tímidamente escrito em meia fôlha de papel de carta. Tem a data de 1882 — ano em que António Nobre perfêz 15 de idade. Em decassílabos, mial prejudicados pela inexperiência infantil, o poeta condoi-se de uma criança que por acaso surpreende nos rochedos de certa «praia abandonada». Transida de pavor e de frio, a criança chora selenciosamente a própria orfandade, enquanto o mar assassino lhe entremostra o cadáver da mãe, ora mais perto, ora mais longe, no cruel vaivém das ondas encapeladas... É um quadrozinho ingénuo, de linhas hesitantes, que não desmente a idade do autor; mas a sombra elegíaca envolve com suavidade tôda a composição e um sentimento de piedade, fervoroso e comunicativo, palpita amoravelmente em alguns versos. No balbuciar da linguagem poética, o triste rapazinho de 15 anos talhava já as asas que mais tarde, para iludir anseios de homem insatisfeito, o ajudariam a pairar entre o céu sempre azul e a terra sempre amortalhada de nuvens ou de ruínas.

Li algures que são muitas as pessoas que sabem subir e pouquíssimas as que sabem descer. Há outras mais raras ainda, julgo eu: as que nunca descem. António Nobre foi uma destas. Por isso, os amigos ou simples devotos que o sentem ainda vivo (porque a morte, às vezes, é sòmente ausência) nunca se detêm junto de um túmulo, jazida terrena, quando pretendem aproximar-se do seu espírito ou reavivar a sua memória; empreendem, ao contrário, reconfortantes jornadas de ascensão. E foi, na realidade, uma

jornada de ascensão a que em 30 de Outubro distanciou momentâneamente da baixa vida comum todos os que, de perto e de longe — em corpo e espírito ou só em espírito — se reüniram no Penedo da Saüdade, em Coimbra, à voz de Alberto de Oliveira, poeta para quem a Poesia não é apenas a arte de compor belos versos, mas também, e sobretudo, o único *sentido* que nos permite conceber, à míngua daquelas faculdades super-humanas de que fala Stendhal, a vida, a morte, a eternidade — tôdas as ideias simples egrandes.

D. JOÃO DE CASTRO.

António Nobre

Havia na Coimbra do nosso tempo de rapaz um estudante brasileiro muito inteligente, natural da Paraíba do Sul e chamado Francisco Bastos. Foi companheiro de Eugénio de Castro e João de Meneses na redacção da revista literária *Os Insubmissos* e pouco depois de regressar ao Brasil, já formado em Direito, ali o assassinaram, ignoro como e porquê. Sei apenas que Francisco Bastos era espírito crítico e sardónico, trocista e acerado, má-língua implacável e pergunto a mim mesmo se isso não teria contribuído de algum modo para a sua morte precoce e brutal.

É da autoria do malogrado moço a seguinte quadra, que simula um auto-retrato de António Nobre e me pareceu bem que se insculpisse no pedestal do seu novo monumento cuja inauguração se fará àmanhã, em Coimbra:

*Amo o perfume doce da violeta,
Freguênto de Direito a Faculdade,
Uso colar voltado, manta preta
E moro no Penedo da Saüdade.*

O colar e a gravata, de laço-borboleta, saíam para fora da batina, e não eram os únicos traços originais e revolucionários da indumentária do poeta

que se atrevia, sendo caloiro, a dar assim nas vistas, provocando o espanto, e com êle a troça, da multidão estudantil.

Profundamente poeta, António Nobre amava as exterioridades decorativas e por êsse amor regulava os actos mais sérios como os mais insignificantes da vida. Por isso quis ir estudar para Coimbra-a-Lendária; por isso tratou logo de ir morar para o Penedo da Saúde, e nem que o matassem aceitaria quarto na rua das Cozinhas, por exemplo; por isso também não teve descanso enquanto não alugou a vetusta torre de Sub-Ripas e a crismou com o seu nome, ou antes: com a abreviatura inglesa do seu nome de baptismo, tal como a ouvira (e lhe parecera bonita) da bôca de uma das suas conversadas de Leça: *Ântô* — e não *Anto* pronunciado à portuguesa.

Preocupações de tal género costumam classificar-se de femininas ou de infantis, e qualquer das coisas ficará certa. As mulheres prestam culto à beleza formal e às aparências decorativas, porque sabem ou sentem que os homens as olham poeticamente e as outras mulheres criticamente; os poetas olham-se poeticamente a si próprios, como é natural; quando o não façam, desconfiemos muito de que são apenas prosadores disfarçados.

Ser «homem» é ter jeito para a vida, não dar ponto sem nó e irmos com as outras Marias para as não irritar contra nós. Ser criança é *brincar*, isto é: dar tôda a importância a coisas que não têm nenhuma, e, com a maior seriedade, proceder de maneira que faz rir ou sorrir a gente séria.

A infantilidade ou puerilidade de António Nobre fazia parte do seu temperamento de poeta que o era da carne e do sangue, ou das profundas da alma.

O seu mundo não era o nosso, mas o dêle — e tão dêle, que poucos ou nenhuns lá cabiam além dêle:

— Tenha você a certeza (disse-me o Poeta uma vez) que daqui por cem anos não se fala senão do Luiz e de mim.

O Luiz era o colega Camões, e de facto não me foi preciso esperar cem anos, porque hoje fala-se muito menos do Luiz que do Antô — e assim será por muito tempo ainda.

Ora as etiquetas vulgares de orgulho, vaidade, egocentrismo, narcisismo e quejandas não servem para definir estes aparentes prodígios de exacerbação da personalidade, que muitas vezes significam apenas, pelo contraste e reacção, a consciência dolorosa que têm os poetas da sua opposição ao mundo e o receio que os assalta de serem esmagados por êle.

Grandes poetas foram grandes desgraçados e alguns que hoje veneramos viveram à margem da «sociedade», que os expeliu como se as almas dêles fôsses «corpos estranhos». E muitos, como Nobre, cantaram o amor, e sonharam amar, ou sonharam que amavam, mas eram e foram incapazes de realizar o amor, não porque se amavam apenas a si próprios, mas porque o amor-realidade faz parte da «vida prática, isto é: da vida que os verdadeiros poetas — negadores e negações da Vida — são incapazes de viver».

Por isso mesmo António Nobre viveu pouco, e não porque tivesse nascido organicamente pouco vivedouro. Era de gente rija, nenhuma tara física se revelou nos seus irmãos, e nós, seus companheiros, nunca (antes do Só e ainda depois dêle) achámos ou desconfiámos que aquele rapaz alto e bem constituído, alegre como nós e que jamais se nos

queixara de doenças, fraquezas ou fadigas, fôsse menos forte ou menos saudável do que nós ou outros quaisquer.

(Aliás isto de se ser forte ou fraco é matéria que por nenhuma aparência e até por nenhuma ciência se averigua bem senão no fim, quando morremos, uns aos vinte ou trinta anos, outros com oitenta ou noventa).

Convém portanto, para elucidação de uma crítica psicológica retrospectiva que pelos domingos tira dias-santos de mais, dizer e repetir que o *Só* não é o livro de um tuberculoso, nem o seu autor sofria do peito quando escreveu as poesias que aquêlê livro contém.

A tuberculose veio depois, adquirida talvez por más práticas a que o Poeta se entregasse, e em parte e com certeza por culpa da péssima administração que êle fez de si próprio e dos seus parcos dinheiros, passando fome, sustentando-se por vezes a chá nos fins de mês dos últimos tempos de Paris.

Portanto e em conclusão: todo o pessimismo, negrume, morbidez, intimidade com a morte e mais partes carregadas de dor e desgraça que se encontram no *Só*, têm de explicar-se de modo que exclua aquilo que não é verdade e uma geração inteira podia (e pode ainda, pelos que dela restam) certificar como falso: — que o António Nobre de 1891, 1892 e de antes disso fôsse uma alma vergada ao pêso da miséria física.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

António Nobre fora do «Só»

Quando surgiu o *Só* como fonte de beleza e clarão de magoada espiritualidade, em renovação de ritmo e padrão de pessoalismo, poucos o compreenderam, quasi todos o censuraram.

Derrubava rotinas, lançava por terra frases feitas, desprezava os narizes de cêra — e dizia às almas inquietas e aos corações ansiosos aquilo que a alma insatisfeita e o coração enfêrmo do Poeta sentia.

Os seus versos são sinceros e pungentes, cheios de luz e de amargura — louvam a raça e cadenciam a morte.

Mas onde se sente o palpitar o momento dolorido, o reflexo da ansiedade, o desânimo do forçado materialismo, é nas cartas que António Nobre escreveu à família e aos amigos.

E a doença sempre a miná-lo:

«Aqui me tens outra vez de cama: tive ontem, depois do almoço, quando nada o fazia prever, uma congestão; à tardinha repetiu-se. Passei bem a noite. Tenho tôda a fé que, pondo pé em Portugal, começarei a melhorar.»

E a par do sofrimento físico, o moral:

«Cheguei ontem às 5 h.; jantei, dormi e, esta manhã, o dono do hotel veio comunicar-me que eu não podia estar mais tempo, que não me escandalizasse, etc. Perguntei-lhe porquê e disse que eu

estava muito doente, mas que não me afligisse por ser novo ainda e estar em caso de cura. Aquela insolência, de mistura com estas vãs consolações inquietaram-me muito e fui a Queluz ver se encontrava: os hotéis são maus e os ares inferiores a estes.»

Dizer uma brutalidade destas a uma pessoa que golfa os pulmões desfeitos e, em plena mocidade, vê a morte avançar como negra montanha impossível de afastar!

Ouvir isto e ter que prosseguir!

E, por outro lado, o problema mesquinho que sempre aflige os intelectuais: a falta de dinheiro!

«... as viagens são muito caras. Vou, pois, para Belas, logo que me envieis mais; os 5 de hoje são para pagar as despesas de Montachique. O dono, que mora na rua do Oiro, encarregou-se de mandar buscar a minha bagagem, etc., para evitar a massada de ir lá eu e tornar a vir. Depois, tudo me apoquento, aqui, na Iork-House, incluindo a conta.»

Há momentos em que a juventude retoma os seus direitos e surgem frases despreocupadas, sabendo a sol e a romaria:

«... escrever-lhe-ei àmanhã, dia de foguetes, vinho e cavacas, bambolins de murta, dia de almanack, cheio de alegria saloia porque

(mas logo cai a sombra):

desejando eu protestar contra o necrológio que Toy fêz à Morte da minha Alegria — é necessário que a carta vá influenciada pelo foguete.»

E tomba, de novo, na angústia:

«Quero fingir, assim, que lhe provo que, com a ajuda de Deus e das flores, tenho ido cicatrizando a pouco e pouco e ...»

A sua vida foi, tôda ela, uma fita de nostalgia a enrolar-se na bobine do passado:

«E eu sinto-me nostálgico, com uma infinita vontade de me ver cercado daqueles de quem eu gosto e que gostam de mim, mandar aparelhar cavalos, e com uma pontinha de febre artista no corpo e na alma partir ao longo de estradas, não sei para onde.»

Cavaleiro andante do ideal, trovador magoado da saüdade eternamente encadeado ao mísero realismo da vida!

E, de olheiras maceradas, rosto afilado, olhos em covas, sempre a tossir, sempre a sonhar, lá foi Anto tropeçando por êste vale de lágrimas, com a alma em vibração, entre a doçura que lhe causava o nome da *Purinha* e a recordação da *Miss*, o amor familiar, a exaltação de criador, as viagens limitadas e sujeitas a cálculos pecuniários; a ansiedade, a angústia de ter a bôca a saber a sangue — e a espera.

«Continuo mal e não posso estar aqui. Os ares são fortes de mais. Morro, se continuo.»

Não continuou: morreu!

AURORA JARDIM.

António Nobre

Amando a sua terra mais que tudo, não vendo outra coisa no globo, prolongada doença forçou-o a deixá-la, a andar por alheios países, de onde, lembrando-se das «areias de Portugal» todo se enchia de ennoitada saudade... Ao longo dos caminhos do mundo, em galeras sôbre o mar sem fim, perdido nas ruas das grandes cidades, ora ao sol do meio-dia, ora às neves alpinas, António Nobre, nostálgico, era o caminheiro expatriado a suspirar pela sombra amiga das árvores do seu país distante. Como voz de sino magoado, no fundo de um vale, em silencioso e longo entardecer, as cartas que, nos últimos anos, lá de fora (de Filadélfia, de Washington, de Davos-Platz, da Arosa, do Funchal) António Nobre me escrevia traziam sempre a tarja negra da sua oprimida saudade, o dó do exílio. Dizia-me êle: «Tenho as maiores saúdades do nosso Portugal. ¡Essas fontes, essas águas...!»

Noutra carta, em pleno inverno suíço: «sinto-me por cá muito nostálgico. Decididamente, eu sou um amigo do «torrão». ¡Quem me dera já Maio!»

Dos Estados-Unidos, em ridente primavera: «Isto é profundamente triste, não pela paisagem que é, ao contrário, suave e alegre, mas pela solidão da minha alma, que é absoluta.»

E, ainda, da Ilha da Madeira, num alvor de esperança de cura: «...por momentos esqueci a minha imensa tristeza.»

E outro não seria o seu estado de espírito, quando, em Paris, no «Bairro Latino», escreveu, em dias de amaríssima solenidade, o *Só*, pois, uma tarde o encontrei no pátio da «Escola de Direito», solitário como frade meditabundo em seu claustro, um pouco dobrado, e tão pálido, tão triste e de olhos tão grandes a olharem sem ver por viverem em si, que me fez profunda impressão! O *Só* — a sua musseteana «Nuit de Décembre» — poderia chamar-se «Desterrado» para que a alma nostálgica de Portugal, interpretada, essencialmente, por dois geniais artistas portugueses, firmasse, com o mesmo nome, duas obras primas de literatura e escultura, representativas, no livro e no mármore, da Saüdade Lusitana.

* * *

Poeta intensamente pessoal, é, ao mesmo tempo, extensamente humano. Pela ampla interpretação dos eternos sentimentos, une sua voz individual ao clamor colectivo. Não há português que, lendo-o ou ouvindo-o, não ouça também em si um eco de semelhante sentir, porque a alma de António Nobre é feita das qualidades mais constantes do sentimento português — qualidades que o poeta, com a eloqüência da sua mágoa sincera, mágicamente esperta e sobressalta. Por isso, quando êle recorda os dias ingênuos da sua infância, todos com êle, em idêntico estado de alma, recordam os seus; quando canta os «Males de Anto», choram de o ouvir os namorados, comovem-se as raparigas que lavam nos ribeiros,



Sessão inaugural do monumento do Penedo da Saúde

e os velhos caem naquela tristeza silenciosa dos que vêm na flor da vida, alguém sofrer dores pelas quais já passaram... É, pois, o intérprete do nosso sentir; a criatura fadada para dar expressão àquilo em que pensamos, não sabemos dizer, e, muito menos, cantar. Esta é a sã e legítima cultura do *Eu*, porque cada um, supondo estar, apenas, a falar de si, está a falar dos outros, e, por sua humanidade, a interessar profundamente às demais almas — a deleitá-las, a ampará-las, a elevá-las.

* * *

Triste e meiga, a sua poesia tôda ela é desabafo pesaroso de um coração ralado, que se abre aos outros, não para que os outros o tirem de cuidados, pois bem sabe que

*Os males que são sem cura
mal os podem os outros curar,*

mas por êsse fraco dos amorosos que em todos vêm amigos boamente dispostos à confiança do coração... E suas mágoas sempre serão lidas e amadas por quem na

tristeza busque remédio de tristezas.

Aparentemente sereno, na sua dor não há gritos de revolta, mas abafados sofrimentos, porque o poeta se capacitou de que tôda a queixa é inútil e mais vale sofrer sorrindo que imprecisar chorando. Nas grandes dores que lhe esmagam a alma romântica, um refúgio o abriga: a recordação dos seus tempos leves de

menino: paisagens de pastorais risonhas. São os seus regressos às purezas do único bem da sua existência: a candura dos dias idos.

Tôda a sua filosofia lhe vem do coração como-vido. Atravessou a vida — tal um cego ou um menino — levado pela toada da sua sensibilidade, certo de que os fados mandavam nela. ¡É Deus sabe, assim à ventura, a quantos enlhiçamentos andou exposta alma tão desprevenida!...

A *sua* forma é tudo que há de mais original. Nunca pretendeu tirar efeito das palavras, pois confiou na beleza do intenso sentimento que lhe vinha da sua alma grande, cheia de luar. Seu dizer é lhano e tão claro que o entendem os homens do mar, as mulheres que sofrem e os «Pedros Sem» que calcorreiam as estradas da vida!

* * *

Ultimamente, tem-se estudado, analisado, criticado muito a obra dêste poeta singular, mas eu tenho a certeza de que a tais estudos António Nobre preferirá, apenas, continuar a viver pertinho dos corações portugueses; e que as suas «sete partidas do mundo», por êle percorridas, as querelas entre seus sonhos e as tristes realidades da vida, as nostalgias que lhe maceraram a alma e lhe molharam os olhos, os cuidados que o emmagreceram e a morte que tão cedo o levou: — que tudo isto se envolva em mistério, se esfume em lenda remota e nela seu vulto amoroso e saudável vagueie nos tempos...

ANTERO DE FIGUEIREDO.

As Musas de Anto

... «Queixam-se os outros que falo só de mim... Mas não sou eu o intérprete das dores do meu país?»

... «Sinos: quisera ouvir no mesmo minuto os sinos de tôdas as igrejas a clamar a Deus o desespero dos homens.»

... «Sabeis qual é a coisa mais poética do mundo? É estar só numa sala, ao canto do fogão (mas hás-de ter na mão um cachimbo, a fumar) e ouvir ao longe o vento a uivar, a uivar, a uivar, erguendo da poeira tôda uma vida morta. É então que Alguém vem bater à porta: é o Génio!»

Transcrevi estes períodos dum dos cadernos de almanaque em que a mão de António Nobre lançava, naquela grande letra que tinha o feitio esguio e alado das velas e dos ciprestes, os pensamentos, ao acaso da inspiração que passava. Sem ligação, na aparência, encontro nêles uma unidade de sentido lapidarmente definitiva para a psicologia do grande poeta, que a minha saúde espera evocar nas páginas de memórias, a que juntarei cartas que me escreveu nos últimos 15 anos da sua inquieta vida. Assim como o fruto no grão, nêles me parecem contidos, em gérmen, alguns dos sentimentos e ideias mais essenciais do génio singular, que deu a tôda uma geração, não só em Portugal mas no Brasil, a vertigem e o deslumbramento dum novo mundo espiritual.

No amargo lirismo, a sua poesia entranhadamente pessoal, foi com efeito a voz que mais alto

interpretou algumas das idiossincrasias mais características da nossa índole.

A Dor, a Solidão e a Morte, foram as três musas que constantemente inspiraram a sua alma ao mesmo tempo tão orgulhosamente consciente do seu destino e tão ingénua como a dum pescador. Mas essa tríplice inspiração nunca foi para Anto, como para Leopardi, ou para Antero, um sistema racional e doutrinário de filosofia, desesperadamente sombrio até ao ateísmo.

Tôda individual, instintiva, a sua mágua manava do coração, como as lágrimas correm dos olhos, simplesmente porque era triste de nascença, porque era poeta-nato de Portugal, da terra fatalista dos emigrantes e dos sonhadores, que na saúde do grande passado tinham perdido a esperança da ressurreição.

* * *

... O *Só* e as *Despedidas*. Dois títulos expressivos como resumos auto-biográficos. Se o primeiro é a amargura em preiamar, o segundo é o raiar do plenilúnio da morte. Apenas dois livros. Mas tão cheios de alma, tão febrilmente *vívidos*, que bastaram para eternizar-lhe o nome, a par dos maiores da poesia lírica de todos os países. Não chegou a criar tôda a epopeia do *Desejado*, como ambicionava quando me dizia sentir bater nas artérias a «febre de Camões». Mas escreveu com o mesmo sangue e as mesmas lágrimas de lusíada, versos para todos os da nossa raça igualmente eternos. O *Só* ficou sendo o evangelho da nossa Dor, assim como os *Lusíadas* o da nossa Glória, o *Campo de flores*, de João de Deus, o do nosso Amor, os *Sonetos*, de Antero, o da nossa

Dúvida e a *Pátria*, de Junqueiro, o da nossa Desesperação. Divergentes, todos êsses raios de luz e de chama dimanam do mesmo foco étnico.

A meio do caminho da vida — na idade em que Dante começou a escrever o *Inferno* e Cristo expirou na sua cruz, veio dar-lhe na bôca de casto o único beijo que lhe não soube a fel ou a sal, a mais amada das três Musas, a da Morte. Nunca tendo conhecido do amor e da ventura senão as sombras ilusórias, em tôda a existência, a sua vinda não o surpreendeu nem apavorou.

* * *

... Passei há pouco na Foz, diante da casa de azulejos da Avenida de Carreiros, donde meia dúzia de amigos, numa áspera noite chuvosa de Março de 1900, acompanhámos ao cemitério de Agramonte, no Pôrto, o entêrro que os jornais noticiaram em poucas linhas.

De regresso da Ilha da Madeira, foi naquela casa, próxima da de seu irmão Augusto e da de sua irmã, que, já com a sentença lavrada pelo destino, quis aguardar a primavera tão tardia nesse ano, e a convalescença, que não veio nunca.

Morando nesse tempo em Leça, ia ter com êle quási tôdas as tardes. Encontrava-o habitualmente nessas horas sózinho, imobilizado numa grande poltrona, ao pé da janela, a sonhar diante do mar. No misterioso alheamento dos tísicos, de quantas viagens feitas em vão, de quantas ilusões para sempre desfeitas se quedaria a conversar com o velho «Dr. Oceano», que desde menino e moço fôra o seu melhor mestre e confidente?

Depois de Paris, onde, isolado das cervejarias do «Bul'Mich», passava as noites no quarto conventual da rua Monge, envôlto na capa de estudante que levou de Coimbra, como o retratou Alberto de Oliveira, a fumar o seu cachimbo e a escrever os versos da «Lusitânia no Bairro Latino», nas margens dos compêndios da Sorbonne, o mal invisível fôra crescendo lento, mas sem cessar, como uma raiz oculta.

Durante os anos da sua longa romagem pela Suíça, pela América do Norte, por tôdas as pousadas alheias onde o destino o levou, a sua existência de solitário foi o interminável diálogo errante da sua dor com a sua quimera. Por vezes, num intervalo da misericordiosa esperança, — que tanto entristecia os que procuravam manter-lha, — dizia-me a sua intenção de dar finalmente tréguas ao fadário da sua vagabundagem, sempre à procura da fugidia noiva, chamada Ventura — que tinha sempre partido, comentava êle sorrindo, mal êle chegava.

Logo que findasse o inverno, recolheria à quinta do *Seixo*, que tão enternecidamente alveja nas sombrias estâncias dos «Males de Anto». Seria lá que, à sombra das árvores que o tinham visto crescer, instalaria a sua tebaida, arredado dos homens e do seu vão tumulto, sem outras ambições, êle que tão doidas e tantas tivera ao partir, senão a Paz e o Amor.

Alguns livros, a Bíblia, Camões, Camilo, Antero; as árvores, as rosas, os pássaros, o bom sol, as águas correntes... Assim acabaria o seu tirocínio para o Lar, — aquêlê calmo lar da *Purinha*, que nunca passou de sonhado.

Quantos outros sonhos êle me confidenciou, nessa aspiração da vida, deslizando como os rios

que o sol doura, na bucólica serenidade das paisagens de «Entre Douro e Minho» que tão amorosamente cantou! Porque o seu coração, mais que nenhum outro marcado pela fatalidade para a solidão, aspirou sempre à alegria e à ternura, com tanta mais ânsia, quanta se tem por tudo que se não pode ter.

— Quando chegar a primavera, vou-me consolar de vadiar pelos pinheirais!... Há quanto tempo que não sinto o cheiro das ervas e da terra a suar ao sol!

Um acesso de tosse seca fazia-lhe levar de repente as mãos contraídas ao peito...

E uma manhã lá partiu para os *Casais*. Mas decorridas poucas semanas estava de volta à casa de azulejos diante do mar.

Os ares ainda húmidos da aldeia, tinham-lhe agravado o mal.

* * *

... Era uma dessas meigas tardes portuguesas, de tão espiritual doçura, em que do céu parece descer à terra adormecida a paz e a bondade, numa bênção silenciosa. Uma dessas religiosas tardes da beira-mar em que tudo parece descançar, sonhar, rezar: os sons dos sinos tocando a trindades, as asas, o fumo, as nuvens...

Na estrada do Pôrto à Foz, que ao longo do rio Douro vai seguindo diante das colinas de Gaia e do Candal, celebrado por Camilo, pediu a seu irmão Augusto que descesse o vidro da portinhola do *coupé*. O seu olhar beijou as águas luminosas, os arvoredos já azulados, nos longes, as casotas dos pescadores da

Afurada, donde subia o fumo da ceia; as vidraças lampejantes do palacete que ali se ergue, junto ao rio, com um ar pensativo de novela; e depois lá adiante, na volta da Cantareira, todo se absorveu nas ondas a acenar-lhe com lenços brancos de espuma...

Como numa carícia, murmurou:

— Como a nossa terra é linda!...

... Na manhã seguinte (estava tocando para a missa de domingo a sineta da capela dos Bagaústes, diante do molhe de Carreiros), os seus olhos imensos, que parecia andarem sempre a interrogar a Morte — iam finalmente saber o seu segrêdo.

As suas últimas palavras, que ninguém ouviu, foram talvez as mesmas que disse ao velho que lhe ajeitou a cama, no «Hotel da Cova»:

*Toma lá para ti, guarda. E ouve: na hora
Final, quando a Trombeta além se ouvir,
Tu não me venhas acordar, embora
Chamem... Ah! deixa-me dormir, dormir!*

E o sorriso em que se exalou a sua alma ansiosa e desgraçada, quimérica e torturada, mostrava nesse instante uma serenidade tão angélica, que de-certo ouviu a voz de Deus dizer-lhe, como numa bênção: «Dorme, dorme».

JUSTINO DE MONTALVÃO.

António Nobre

Inaugura-se amanhã em Coimbra, no Penedo da Saüdade, o monumento a António Nobre. De futuro os habitantes da Lusa Atenas poderão contemplar longa e amorosamente o busto dêsse pintor para quem a canção foi a tela.

Ler o *Só* equivale a ouvir Coimbra, a ver de algum modo — mesmo que a distância nos separe dela — a formosa e melancólica cidade onde o dia não é mais do que doce e clara continuação da noite.

Nunca um estrangeiro poderá compreender a alma do nosso povo se não tiver compreendido a alma de Anto. Porém, apenas entenderão completamente aquêlê poeta os que tiverem entendido e amado a païsagem portuguesa.

Como ignorar a terra que voltou os olhos de Nobre para o Atlântico, para o oceano cujo éco não se deteve na praia da Boa Nova, nem nas fontes de Águeda, nem mesmo nos campos do Mondego, porque foi mais além, em chamamento eterno, até às alturas das nossas serras?!

Como ignorar a colina portuguesa com os seus pinheiros bravos quando essas árvores embalam o poeta desde o berço, sugerindo-lhe segredos e promessas?

Como não ir a Coimbra em romagem grata ouvir falar o povo de que Anto nos falou, ver as pedras

a que se referiu piedosamente, ver o choupo amável e lindo a que nem sequer hoje falta a voz porque o Poeta lha deu?

António Nobre soube escutar e soube ver o seu país. Não quis escutar, não quis ver as outras terras por onde andou... Bastou-lhe a Pátria.

Por isso mesmo o *Só* é um livro puramente português e, se alguma estrêla de além-fronteiras se debruçou nesse mar ora revoltado ora manso como um lago, a sua luz ao cair nêle com certeza que mudou de côr, tão intraduzíveis se tornam, em idioma diferente do nosso, os versos de Anto.

António Nobre nasceu no Pôrto a 16 de Agosto de 1867. Cursou o 1.º ano da Universidade em Coimbra onde conheceu Toy (António Homem de Melo, poeta de Águeda, autor de algumas das mais lindas quadras portuguesas, não das que se encontram nos livros mas das que andam na boca do povo) ao qual o ligaram laços de estreita amizade e Alberto de Oliveira (escritor já então notável e que havia de vir a ser um dos nossos maiores diplomatas, amigo dedicadíssimo que no dia de amanhã viverá um dos momentos mais altos da sua vida de poeta, oferecendo a Coimbra, em homenagem suprema, o busto de Anto).

Tempos depois Nobre foi para Paris. Frequentou naquela cidade a Escola Livre de Ciências Políticas, matriculando-se também na Faculdade de Direito, onde tirou a licenciatura. Em Paris Anto publica o *Só*, uma das maiores produções poéticas (senão a maior!) do século, que consagrou definitivamente.

O aparecimento dêste livro produziu uma verdadeira revolução nas letras portuguesas. Profundamente triste, sempre sincera até nas mais requintadas

atitudes, a alma do Poeta revela-se desassombradamente.

Anto (como por outras palavras o grande crítico literário e romancista João Gaspar Simões no-lo explicou na sua admirável conferência intitulada «António Nobre, precursor da poesia moderna») não repetiu expressões já ouvidas, não abordou temas já cansados, não escreveu em suma o que já estava escrito.

D'ora-á-vante em Portugal os jóvens poetas terão uma preocupação dominante: a da originalidade. Tal é o prestígio exercido pelos poemas incomparáveis de Anto.

Em 1895 o Poeta regressa a Portugal e concorre a um lugar de cônsul. Porém no mês de Agosto do mesmo ano, manifestam-se lhe os primeiros sintomas da tuberculose que o havia de levar à sepultura. Partiu imediatamente para a Suíça, para Davos-Platz, onde se conservou até 1896, vindo em seguida para Portugal.

Daí a meses ausentava-se de novo da Pátria com destino a Nova-York, mas pouco ali se demorou. Como a doença se agravasse, resolveu procurar na Madeira alívio para os seus males. Infelizmente, à semelhança do que anos antes se dera com Júlio Dinís, a estadia na Ilha Encantada só lhe foi funesta. Neste período da sua enfermidade, compôs a maior parte dos sonetos das *Despedidas*, livro póstumo, publicado em 1902 por seu irmão.

Em 1899 o poeta encontrava-se novamente em Davos-Platz. A doença porém avançava cada vez mais e, irremediavelmente perdido, ainda foi para o Estoril. De lá voltou à sua casa na Foz do Douro.

A morte aproximava-se impiedosamente!

Anto resolve então deslocar-se mais uma vez. Vai para a Quinta do Seixo onde passa uns dias apenas. Aí pretendeu reunir os seus primeiros versos, espalhados em diversos jornais e revistas, não chegando nunca a ver realizados os seus desejos (os «Primeiros Versos» foram publicados somente em 1921). A angústia apodera-se de Nobre e o doente volta finalmente, num último regresso à sua casa do Pôrto, onde na madrugada do dia seguinte, 18 de Março de 1900, os seus lábios emudeceram para sempre. O mártir exalara o último suspiro. Mas o Poeta não morrera...

Pôrto, 29 de Outubro de 1939.

PEDRO HOMEM DE MELO.

António Nobre

António Nobre chamou ao *Só*—o livro mais triste de Portugal. Na verdade é um poema de profundo desalento. Sente-se nessas páginas admiráveis um Soares de Passos através do Eclesiastes. As auroras, embora de Maio em flor, parecem-nos aí crepúsculos... No entanto, há ainda nesses Versos, por vezes rasgões de claridade, a romper as nuvens presagas, que esvoaçam como corvos. Aí passam as paisagens da sua terra tão amada, que êle cantou com a frescura e a graça das flores orvalhadas de Setembro: *Una primavera sentimental, color de otoño...* Há ainda, nesse livro, aquelas tendências literárias da época, que o melancolizam, no movimento anti-realista do Simbolismo — voltando os poetas ao idealismo, ao sonho, ao misticismo, às meias-tintas, que se diziam banidas das estéticas anteriores, aquela que o Naturalismo preconizara, ou a dos parnasianos, que tentavam cinzelar os seus versos em formas de beleza *impassível*. O *Só*, é na realidade, um grande livro de tristeza e desânimo, quasi de renúncia. Essas páginas, que em António Nobre provinham dum extraordinário poeta, prostrado em plena vida e em plena glória pelo enigma enexorável do destino, eram duma originalidade e duma beleza singular!

Mas para mim, muito mais triste ainda é esse volume *Despedidas* — obra póstuma, reaparecida há alguns anos com muitas ilustrações documentais e aumentada de notas, algumas verdadeiramente preciosas, que o dr. Augusto Nobre publicou, num carinho que entenece, acompanhando as poesias do irmão que tanto amava. Essas *notas* contribuem para avolumar ainda a esmagadora melancolia do volume. Sentimos uma derrocada de ilusões confrangedora. O poeta caminha neste areal da Vida, vendo só miragens desfeitas; os passos fogem-lhe, de cansado; os horizontes, onde fulgia dantes, às vezes, uma estrêla, ennublam-se lhe pesadamente... A sua alma é, contudo, resignada e doce; sempre lhe desabrocha no peito a Bondade balsâmica e divina.

Viaja, percorre várias regiões e climas, em busca de remédio ao seu mal. De vez em quando bruxoleia uma esperança, com que a vida parece querer embalar-nos nos maiores negrumes. Mas logo voltam as horas angustiadas e desesperançadas. A morte expia sempre, ceifeira negra de tanta beleza e de tanta bondade sepultas. O poeta sente-lhe os passos, vê-a a seu lado continuamente, como aquêle carrasco da célebre balada de Heine, sinistro e impassível. É provável que se lembre de alguns dos seus grandes camaradas, de alguns dos seus amigos, poetas doentes como êle, e como êle nascidos nesta mesma terra «poeticida» — Soares de Passos, Júlio Dinís, Guilherme Braga, Eduardo Coimbra, Hamilton... E êste quadro, durante anos, em que ansiosamente procura salvar-se, num redemoínho pavoroso, até que as estrêlas suas amigas, confidentes eternas de poetas, lhe vêm alumiar o túmulo, êste quadro

aperta o coração até às lágrimas. Nas *Despedidas* não há vislumbres de literatura, como ainda há no *Só*. Dir-se-ia que os ritmos despedaçam a alma, como em certas grutas, ouvindo o chôro do mar...

*
* *
*

Quando Nobre chega ao Funchal, em busca de saúde, é pelo Carnaval. O poeta recolhe ao quarto, fatigado e triste. Um rancho de raparigas, lindas como flores, procura-o: querem vê-lo e saúdá-lo. No hotel dizem-lhes que o poeta já está no quarto. Batem-lhe à porta — e êle aparece-lhes, surpreso, com a habitual doçura do seu rosto pálido emmagrecido. Tôdas vêm mascaradas.

Saüdam-no, festejam-no. Uma do grupo magrinha, de pequena estatura, fala-lhe, numa voz deliciosa. O poeta sorri-lhe, enlevado. Então ela diz-lhe, como na poesia *Purinha*: «Quem me dera ser alta, como a tôrre de David!» — «Mas és magrinha (diz-lhe o poeta) como o choupo, onde se enlaça a vide».

Nobre quer conhecê-las, mas não consegue que elas tirem as mascarilhas de veludo ou de sêda. Combinam então que êle irá no dia seguinte, à *Vigia*, tomar chá. Lá as encontraria tôdas.

Com efeito foi: mas, se alguma lá estava, não se deu a conhecer.

António Nobre passava muitas horas na *Quinta Almeida*. Lá se reünia a fina flor feminina do Funchal; aí dizia o poeta os seus versos — e, certamente o escutavam algumas das gentis mascaradas...

Em Abril de 1899, depois duma crise grave da doença que o prostrou, escrevia a seu irmão:— «Estive mal desta vez como nunca! As Senhoras do Funchal têm sido amabilíssimas para comigo: mandam-me flores, vinho velho, geleia!!».

Saúdoso e querido António Nobre, a quem o volver dos anos não conseguiu apagar, nem de leve, o encanto maravilhoso dos poemas!

* * *

Que pena eu tenho, ainda convalescente, de não poder ir a Coimbra, na homenagem prestada agora a António Nobre pela Cidade ilustre, que tanto andava nos seus Versos e na sua alma, homenagem a que Alberto de Oliveira deu magnífico concurso, ao qual nunca falta o seu grande coração.

Daqui os acompanho nessa festa, que, por tudo, deve ser explêndida—pela moldura incomparável da Natureza Outonal, e pela chama votiva dos espíritos!

JÚLIO BRANDÃO.



Descerramento do monumento do Penedo da Saúde

O bardo de Coimbra

António Nobre, não apenas no seu apêgo à afilhada de Minerva, também na estrutura, tonalidade e colorido dos seus versos, é bem o bardo de Coimbra. Nasceu no Pôrto, se não estou em êrro. No Pôrto se criou e recriou, à maneira dos infantes de sua linhagem. No entanto, ao desembarcar no cais do Mondego, nos seus olhos profundos, em que a nostalgia do longínquo aventurismo da Raça tem o brilho sidéreo do luar de Janeiro, revê-se tôda a gama dos tons melancólicos da paisagem coimbrã. O bardo não nasceu em Coimbra. Mas são já de Coimbra os seus olhos. Entra logo a afinar, a tanger a lira. E cremos, ao ouvi-lo, que a sua lira foi cortada e aparelhada num ramo de choupo, dos gerecidos e abeberados no *Penedo da Saüdade*. Traz em suas cordas melódicas, em seus acordes líricos, em seus elegíacos lamentos tudo quanto de inefável e dolorido se espreguiça no espaço ocupado pelo rincão suburbano.

A gente lê o Poeta — na sensação de que medita as vozes milenárias do *Penedo da Saüdade*. A gente debruça-se do *Penedo da Saüdade* — e sente pulsar no ambiente as rimas eternas de António Nobre.

Bem haja o insigne polígrafo dr. Alberto de Oliveira, um dos maiores da geração a que pertenceu o autor do *Só*, por ter oferecido à cidade o busto do

Varão insigne, e por ter sabido colocá-lo no lugar próprio — no jardim suspenso sôbre o legendário miradouro! Bem haja o Município da urbe veneranda pela valiosa contribuição na homenagem ao bardo de Coimbra!

Agora sim. O *Penedo da Saüdade* está completo. Continua a desfiar o poema traduzido pelo Poeta da melancolia. E o terno Poeta, do tôpo do monumento, rege em silêncio a partitura dos seus versos. Não lhe faltará sequer a presença da *Purinha*, a musa do *Só*, viva ainda, outra vez a viver em Coimbra, julgo que paredes meias do romanesco retiro.

SOUZA COSTA.

António Nobre

Eis um assunto — António Nobre! Bem entendido um assunto de outros tempos, quando havia uma ilusão por cada alma e o infinito se fazia tão pequenino que os poetas o consideravam à medida das suas rimas.

Coimbra vai prestar homenagem ao autor do *Só e Despedidas*, no momento em que Satan, príncipe negro e maldito, se serve do ferro e do fogo para despedaçar as Musas lunares e voláteis.

Louvamos a tão bela e justa iniciativa que, no seu valor sem valor, revela qualquer cousa de imprecível, a transcender uma passagem da história onde os homens se jogam como condenados, nos sombrios tercetos de Dante.

António Nobre, mais do que outro poeta português, foi ilógico, ingovernável, incerto, vítima duma vocação de tímido que, por isso mesmo o levou a tentar cousas grandes, além da prudência humana. Não juntou outra fortuna que não fôsse orgulho e melancolia que acumulou numa roca-forte, a-fim-de se defender dos maus fados que o perseguiram, de modo a ser rico de quimeras tristes e de pensamentos de asas fatais que o balouçavam, entre a vida e a morte, sem um vero amor e um lar luminoso e quente.

Emquanto estudante coimbrão, morou na Tôrre de Anto que êle elevou à altura da sua mocidade e da sua lenda, imaginando-se nascido para superar o vulgar destino dum lusíada, desarrumado das descobertas e conquistas, feitas pela raça heróica, nalgumas jornadas proféticas.

Seria navegador, capitão, senhor de baração e cutelo, milionário, lavrador ou vagabundo?

Decidiu-se pela solução mais fácil — correr mundo, levando a sua tenda de miragens e milagres, com a ideia de criar, nas cidades que fôsse percorrendo, a sedução irresistível das «cousas que só êle via». Paris que êle avistara já, quando em Coimbra se mostrava descontente, insaciado com a ciência dos lentes, foi-lhe hostil, mordente e cruel — êle tão animado e querido, no país de saúde, da pobreza límpida e cantante, da boémia estouvada e das redondilhas de doce sentir, vindas do coração, sob uma janela de soluços e trepadeiras.

Durante o inverno inclemente, passou frio, no gelado quarto do Bairro Latino, sem lume que o aquecesse, lembrando-se, com os seus imensos olhos molhados duma suave neblina — «Como eu vos quero, recordações da Pátria ausente!» — dessa Tôrre de Anto que êle inventara, pedra por pedra, para que nela coubesse a vastidão do seu sonho, através do qual palpitava a derrocada épica das grandezas sumidas nos naufrágios.

Doente, obrigado a explicar o mal que o minava a misteriosos oceanos que o escutavam, nas praias das derradeiras despedidas, escoando-se umas vezes por hotéis e pensões lisboetas, duma humidade funesta, outras interrogando os signos do seu brasão de infante sempre no exílio, Nobre vencido, tortu-

rado e queimado de febres e martírios, refugiava-se na sua desventura, como sob um ramo sem fôlhas, hirtó, se esconde o cantor alado, perseguido pela invernía.

Romântico, dum romantismo que lhe punha ao vivo o peito, trabalhado pela angústia e pelo mal de ser superior a tantos que o importunavam, nunca traíu a sua sina de *D. Enguiço*:

*Farto de dores com que o matavam,
Foi em viagem por êsse mundo:
Mas os combóios descarrilavam,
Mas os paquetes iam ao fundo!*

No tempo da guerra, na hora em que os povos trucidam as verdades que outrora os salvaram do ódio e da barbárie, Coimbra vota a António Nobre uma lápide e um busto.

Honra à cidade de Minerva!

Que ao menos a obra dum poeta, que teceu os seus versos com os fios argênteos da lua, mãe de cismas e delírios, seja texto piedoso para os que esperam escudar-se na tristeza soberana.

JOAQUIM MANSO.

O génio de António Nobre

A-pesar do nome dêste poeta ser repetido por todo o nosso país, e ter ultrapassado mesmo as fronteiras, a sua obra não é conhecida por mais do que um reduzido número de portugueses intelectuais, e por certa quantidade, talvês um pouco maior, de estrangeiros estudiosos.

Neste momento em que a cidade universitária, a eterna apaixonada do Mondego e dos poetas, presta a homenagem merecida e devida à memória de António Nobre, melhor, ao génio de António Nobre, há que convencer a consciência portuguesa de que êsse poeta, de mocidade acabrunhadora, de sentimento saudosista, que em Coimbra aprendeu a amar a melancolia, a fôrça e o encanto da natureza, descobrindo, em cada motivo que o rodeava e nos longes da paisagem a poesia tão admiravelmente interpretada pelo seu génio profundamente lusíada, deve viver em todos os lares, através a sua obra de superiorização, como breviário de amor e encantamento.

Mas, o poeta de «olhos absorventes, interrogativos e profundos», no dizer de João Rocha, não pode ser lido sem primeiro se conhecer a plena e poderosa significação de tôda a sua obra, pois o contrário seria o mesmo que exporem-se a penetrar um universo ignorado, novo.

Há que saber interpretar aquilo a que se poderiam chamar bizarras desconcertantes, se apenas se tomasse contacto com uma ou outra produção isolada.

Aqueles a quem a obra formidável de António Nobre possa causar surpresa ou incompreensão não conseguem ter da essência da poesia mais do que ideias vagas e confusas.

A poesia das *Despedidas*, dos *Primeiros versos* e, principalmente, do *Só*, estabelecendo o renascer das tradições nacionais, não é propriamente uma relação entre o poeta e a vida, mas entre êle e Deus, depois de ter buscado, em vão, a alegria de viver.

O poeta, por intermédio dos seus versos, de uma impressionante singeleza, em que palpitam e vivem os mais belos pensamentos, sempre envoltos numa doentia originalidade, traduz sempre o pressentimento inquietante e melancólico do fim.

No seu soneto — «Palavras de um doente», escrito em 1886, já êle se encontra — «nostálgico, sem fôrças, quási morto».

Os anos passam e, em 1888, desce até Coimbra, agravando o seu mal físico, mas enriquecendo a sua arte poética, o seu génio, mais embriagado no melancolismo que constituiu a harmonia dessa arte e desse génio.

Aqui, no ambiente de elevação formado por Alberto de Oliveira, António Homem de Melo (Toy), Sanches da Gama, que então freqüentavam o 2.º ano de direito, Alberto Osório de Castro, já terceiranista, e outros, e seguindo o movimento simbolista francês, aperfeiçoa-se na forma e na amplitude do ritmo respiratório dos seus versos.

Na sua casa do Penedo da Saüdade, vive da leitura dêsses simbolistas e principalmente do prazer da companhia espiritual de Paul Verlaine.

O seu temperamento não se fizera para ser

*Um bacharel formado em Ilusões
Pela Universidade da Quimera.*

A mesma constante obsessão o acompanha para tôda a parte.

Sente que isto é pequeno para quanto vai dentro em si.

A França chama-o. Uma tenue esperança lhe sorri, também, muito distante.

E êle aí vai, caminho de Paris, na intenção de freqüentar a escola de direito, onde, em 1895, consegue o seu diploma.

Na grande capital do intelectualismo, a sua poesia passa a ser mais profunda ainda, mais saudosista, uma poesia para ser mais sentida do que compreendida.

Sem que se deixasse impressionar por Verlaine, continuava a apreciá-lo, pelo que passou a freqüentar o *café François 1.^{er}*, no Boulevard S.^t Michel, em frente ao Luxemburgo, hoje desaparecido, só para se encontrar com o poeta das *Fêtes Galantes* e seus discípulos.

Foi também em Paris, no *Café des Écoles*, onde se reüniam os estudantes e as raparigas do «Quartier Latin», entre as quais uma Louise, a quem António Nobre, parece, dedicou alguns dos seus versos, que o *Só* foi lido pela primeira vez.

Devia estar, em volta da meza, a habitual tertúlia de portugueses, aqueles que viviam em pleno

«Quartier»: os pintores Veloso Salgado, Carlos Reis, Ramos e Melo; o escultor Teixeira Lopes; João Soares Guedes, Alfredo Viana, A. Lima, Diniz e um sobrinho do estadista brasileiro Rui Barbosa, todos estudantes de medicina e certamente não faltaria D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo), que freqüentava aulas de canto.

Foi nas suas viagens e principalmente em Paris que António Nobre melhor amou a sua terra, a sua Coimbra, à qual dedicou as mais belas produções da poesia portuguesa, plena de admiráveis efeitos de harmonia, irradiante de inspiração, de clarões de beleza e de génio jàmais inimitáveis.

Coimbra paga, finalmente, a dívida contraída para com aquêle a quem Júlio Dantas chamou «Lusiada da decadência» e que foi, até hoje, o poeta que mais a amou e melhor a soube cantar.

Coimbra — Outubro — 1939.

JOSÉ VIANA.

António Nobre

E O SEU MONUMENTO

Coimbra inaugura, amanhã, no jardim do seu célebre Penedo da Saúde, o monumento a António Nobre. Não se trata de um monumento de grandes proporções, mas procurou-se que êle desse a todos aqueles que o vissem uma imagem, tanto quanto possível exacta, do que foi, como homem e como poeta, o autor do *Só*. O busto fixa-nos a fisionomia, ao mesmo tempo infantil e dolorosa, de António Nobre; o pedestal sugere-nos a sua figura alta, esguia, quasi diáfana, envolta numa capa negra; sobre os quatro planos inclinados, que formam a base, algumas mãos amigas gravaram, numa evocação carinhosa, versos e datas; à volta um maciço de flores vermelhas, as suas flores predilectas. Não será positivamente a estátua de um herói, mas é, sem dúvida, o monumento de um poeta.

Entre a multidão de poetas, verdadeira estirpe de Júpiter, que, com a sua capa ao vento, tem passado pela velha cidade do Mondego, António Nobre, embora não sendo dos mais populares, é, em todo o caso, um daqueles, pelas características da sua obra, cuja influência mais se tem exercido nas gerações que lhe sucederam. O *Só* constituiu, durante largo tempo, e não é fácil afirmar que não constitue ainda,

uma espécie de *Lusiadas* saüdosistas, cuja leitura nunca se faz sem uma estranha e penetrante emoção. Na verdade, poucas vezes um poeta se terá retratado nos seus versos com tanta sinceridade, e é precisamente essa sinceridade, feita ao mesmo tempo de dor, de lirismo, de exaltação, de comovida piedade, de quási insolente desdém olímpico, que dá à sua obra o forte poder comunicativo, que ela, de facto, possui. É certo que muitos dos seus contemporâneos, uns, não o compreenderam; outros, mesmo, chegaram a odiá-lo: em compensação quantas mulheres amaram, nesse esguio Hamlet da poesia, a imagem das suas próprias dores, dos seus próprios anseios, das suas próprias inspirações, numa palavra, do seu próprio drama romântico! António Nobre nasceu poeta. Tôda a sua vida, a sua própria morte foram o produto da sua fatalidade lírica. Triste, fino, isolado na sua Torre, vivendo dos seus versos e para os seus versos, cultivando as suas flores vermelhas e lançando ao luar de Coimbra o cântico profundo das suas mágoas e das suas agonias, foi bem o poeta cuja cabeça tantas vezes repousou sôbre a Bíblia e cujo vulto, tantas vezes também, subiu ao Penedo da Saüdade depois da hora do poente, estendendo a sua mão pálida ao crepúsculo e murmurando, num sorriso affectuoso:

— Boa noite, meu irmão!

LUÍS DE OLIVEIRA GUIMARÃES.

António Nobre

António Nobre, indubitavelmente o maior saúdosista e um dos mais delicados sentimentos líricos que Coimbra conheceu, vai ficar a viver, personificado num busto de bronze, no Penedo da Saúde, de segunda-feira em diante.

Coimbra, a maga, a feiticeira e inspiradora cidade-poesia que tão facilmente algemara Nobre aos seus múltiplos e impressionantes encantos; Coimbra, que ofertara através dos seus rutilos poentes, dos seus esmeraldinos e inconfundíveis arredores, das suas tradições escolares, ao Poeta do *Só* tudo quanto a inspiração pode dar em alento fecundante, em humus misterioso, paga uma dívida a quem tão sentidamente lhe enalteceu os encantos, a quem tão devotadamente para si viveu, e a soube amar na mais pura expressão.

O Penedo da Saúde, livro aberto onde os poetas que têm passado por Coimbra deixam retalhos da vida esculpidos no sangue dos mármore, vai receber um dos seus mais altos e mais belos cantores, o poeta tão querido e inconfundível que ali passou há cinqüenta anos, que lá morou, e que, impressionado pela mágica varanda onde o oiro das tardes se funde com o lilás dos longes e com o rôxo saudável dos pinheirais, ali escreveu algumas das

rimas mais emotivas que o seu coração sentiu, e que a sua bôca febril cantou no segredo do isolamento, na voluptuosa solidão tão cara e tão necessária à sua sensibilidade requintadamente delicada, de Artista e de Poeta.

Mirante romântico já enriquecido e adornado com as preces poéticas de tantos, no Penedo da Saüdade ficará bem o busto do Poeta para quem tal lugar era um paraíso.

De tal morada escreveu António Nobre, em Outubro de 88, a seu irmão Dr. Augusto Nobre, infortunado e piedoso espírito que tanto tem vivido para a saüdade dos que hoje existem na chama votiva e sagrada da sua lembrança: — «O Penedo da Saüdade é, na verdade, o único sítio em que se podia viver: à janela do meu quarto, que dá para as bandas de onde nasce o sol, passo eu infinitos segundos meditando na minha vida que é ainda mais triste do que eu».

Se a voz da Natureza, que cerca o Penedo, se ouvisse, fácil nos seria escutar a prece de reconhecimento a quantos trabalharam para que António Nobre se fixasse definitivamente no seu carinhoso lar, onde as alvoradas eternamente o saüdarão.

Não faz falta, no entanto, que tal voz se não ouça, porque tudo quanto nos dissesse, já nós o conhecemos, repassado de amargura e de desesperança, através da vida penosa do mais triste poeta de Portugal, das lágrimas que escreveram rimas, do sonho que fundiu em oiro do mais puro, o fulgor duma ansiosa belesa, fazendo da sua inquieta sêde de perfeição e de tranqüilidade, do tédio cinzento e nostálgico de que eram feitos os dias da sua vida nevoenta, uma oração de saüdade que viverá enquanto

o tempo não conseguir apagar a última página da pequena Bíblia de Dôr, que é o *Só*.

O busto de António Nobre, no Penedo da Saúde, terá o condão de nos aproximar do Poeta, para que o sintamos mais junto a nós.

Tanto melhor.

Antes perto da memória dos que cantaram as estrêlas, buscando nos astros a parcela do anseio apetecido, do que daqueles que sobem até elas para, embora em épicos assomos de coragem, devastarem a terra, rasgando e mutilando todos os subtis segredos que constituem o aspecto grácil e emotivo da existência.

CARLOS SOMBRIO.



As the leaves fall ⁽¹⁾

(TO HIS SISTER MARIA DA GLÓRIA)
FROM THE PORTUGUESE OF ANTÓNIO NOBRE.

*O could her hands but cover up my face,
And shut my eyes and settle me to rest
When with my withered hands crossed on my breast,
I sally forth to my last resting place!*

*She will arrange my pillow, smooth its lace,
So that my head lean lightly unoppressed.
So happy I! Unused to being caressed,
I smile almost with joy, O Lord of Grace.*

*Yes, even with joy! For what is life to one
Widowed of hope, orphaned of loving care,
Virgin of ventures and hazards never run?*

*So shall I sleep among the children there,
Almost like them, almost as pure in peace...
And there at last shall all my troubles cease.*

LEONARD S. DOWNES.

(1) Versão inglesa do soneto de António Nobre, «Ao cair da fôlha».

ÍNDICE

	Pág.
Nota preliminar, por J. Pinto Loureiro	VII
Discurso do Presidente da Câmara Municipal	3
A Glória e a Morte, por Eugénio de Castro	11
Mensagem, por Afonso Lopes Vieira	13
Ao António Nobre no Penedo da Saúde, por Alberto Osório de Castro	15
Discurso do Director do Instituto Francês em Portugal	17
Carta de Saúde a António Nobre, por António Correia de Oliveira	21
Canção triste, por Pedro Homem de Melo	25
Anto na Torre e Anto na Lenda, por Alberto de Oliveira.	27
Discurso do mesmo autor	29
O Poeta o a Morte, por Augusto de Castro	37
António Nobre, por Júlio Dantas	43
» » por D. João de Castro.	47
» » por Agostinho de Campos	53
» » fora do <i>Só</i> , por Aurora Jardim	57
» » por Antero de Figueiredo	61
As Musas de Anto, por Justino de Montalvão	65
António Nobre, por Pedro Homem de Melo.	71
» » por Júlio Brandão	75
» » por Sousa Costa	79
» » por Joaquim Manso	81
» » por José Viana	85
» » e o seu monumento, por Luís de Oliveira Guimarães.	89
» » por Carlos Sombrio.	91
<i>As the leaves fall</i> , versão inglesa, por Leonard S. Downes	95

PUBLICAÇÕES

Da Câmara:

Índice Cronológico dos Pergaminhos e Forais existentes no Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra — Primeira parte do inventário do mesmo Arquivo, por **João Correia Aires de Campos**. — Coimbra, Imp. da Universidade, 1863 (esgot.).

— Segunda edição. Fascículo único. — Coimbra, Imp. Literária, 1875.

Índices e sumários dos livros e documentos mais antigos e importantes do Arquivo da Câmara Municipal de Coimbra — Segunda parte do inventário do mesmo Arquivo, 3 fascs., por **João Correia Aires de Campos**. — Coimbra, Imp. da Universidade e Imp. Literária, 1867-1872. (Fasc. 1.º esgot.).

Da Biblioteca Municipal:

ARQUIVO COIMBRÃO (Boletim da Biblioteca Municipal), 4 vols. Coimbra, 1923-1939.

JORNAIS E REVISTAS DE COIMBRA. Tentativa de dicionário — Resenha cronológica — Bibliografia jornalística, por **J. Pinto Loureiro**. Coimbra Editora, L.ª, 1931 (esgot.).

ANAI DO MUNICÍPIO DE COIMBRA (1870-1889 e 1890-1903), 2 vols., organizados por **J. Pinto Loureiro**. Coimbra Editora, L.ª, 1937-1939.

CASA DÓS VINTE E QUATRO DE COIMBRA — Elementos para a sua História, por **J. Pinto Loureiro**. Coimbra, 1937 (esgot.).

LIVRO I DA CORREA (Legislação Quinhentista do Município de Coimbra), com prefácio e notas de **J. Pinto Loureiro**. Coimbra, 1938.

FORAIS DE COIMBRA — Publicação comemorativa do oitavo centénario da fundação da nacionalidade, por **J. Pinto Loureiro**. Coimbra, 1940.

No prelo:

ANAI DO MUNICÍPIO DE COIMBRA (1640-1667).

ARQUIVO COIMBRÃO, vol. v.

A ADMINISTRAÇÃO COIMBRÃ NO SÉCULO XVI — Elementos para a sua história, por **J. Pinto Loureiro**.



RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329696449

